

**Universidade Federal do Piauí**  
**Centro de Ciências Humanas e Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia**

**Amanda Caroline Carvalho de Siqueira**

**Complexo arqueológico Palmeira de Baixo em São Miguel  
do Tapuio - Piauí**

**Teresina**

**2014**

**Universidade Federal do Piauí**  
**Centro de Ciências Humanas e Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia**

**Amanda Caroline Carvalho de Siqueira**

**Complexo arqueológico Palmeira de Baixo em São Miguel  
do Tapuí - Piauí**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Antropologia e Arqueologia.

Orientadora Dr<sup>a</sup>:  
Maria Conceição Soares Meneses Lage

**Teresina**

**2014**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S618c Siqueira, Amanda Caroline Carvalho de.  
Complexo arqueológico Palmeira de Baixo em São Miguel do Tapuio – Piauí / Amanda Caroline Carvalho de Siqueira. – 2014.  
100 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, 2014.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Conceição Soares Meneses Lage.

1. Gravuras Rupestres. 2. Pinturas Rupestres. 3. Correlação Temática e Gráfica. 4. Análise Fotográfica. I. Título.

CDD 930.109



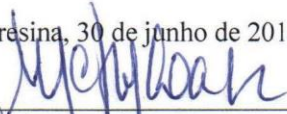
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**  
64049-550 Teresina – PI – Brasil  
Email: ppgant@ufpi.edu.br  
Tel.: (86) 3237-2152

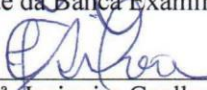
ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM  
ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA

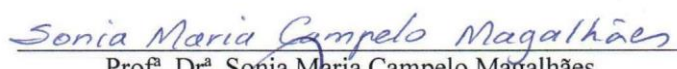
Aos trinta dias de junho de dois mil e catorze, no Auditório do Museu de Arqueologia do Centro de Ciências da Natureza da UFPI, reuniu-se em sessão pública a Banca Examinadora da Dissertação intitulada: **“Complexo arqueológico Palmeira de Baixo em São Miguel do Tapuío - Piauí”**, de autoria da Mestranda **AMANDA CAROLINE CARVALHO DE SIQUEIRA**, candidata ao título de MESTRE EM ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA. A Banca Examinadora foi constituída pelos Professores Doutores: Maria Conceição Soares Meneses Lage (presidente), Jacionira Coelho Silva (membro), Sonia Maria Campelo Magalhães (membro) e Luis Carlos Duarte Cavalcante (suplente). A sessão foi aberta às 9:00 horas, pela Senhora Presidente que deu início aos trabalhos comunicando à Candidata e à Banca reunida os procedimentos a serem seguidos, trinta minutos para exposição da Dissertação pela Candidata e trinta minutos para cada arguidor e o mesmo tempo para resposta da Candidata. A Candidata foi então convidada a fazer breve exposição da Dissertação no tempo que lhe foi concedido. Finda a exposição a Presidente passou a palavra aos demais membros da Banca Examinadora, na seguinte ordem: Profa. Dra. Jacionira Coelho Silva, Profa. Dra. Sonia Maria Campelo Magalhães. Após as arguições e respectivas respostas da Candidata, a Banca Examinadora retirou-se a fim de analisar e decidir sobre a Dissertação apresentada. Retornando os Senhores Examinadores, foram dados a conhecimento o resultado do julgamento. Este foi anunciado pela Senhora Presidente que comunicou que a Banca Examinadora considerou a Dissertação aprovada. Após congratulações com a Candidata e agradecimentos pela presença de todos, a sessão foi encerrada às 12:00 horas. E, para constar foi lavrada a presente ATA que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

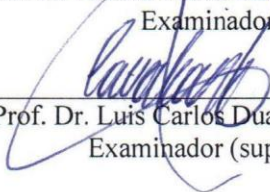
Obs.:

Teresina, 30 de junho de 2014

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Maria Conceição Soares Meneses Lage  
Presidente da Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Jacionira Coelho Silva  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Sonia Maria Campelo Magalhães  
Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luis Carlos Duarte Cavalcante  
Examinador (suplente)

À Professora Ana Clélia Barradas  
Correia (*in memoriam*), exemplo de  
arqueóloga, orientadora, mãe e,  
sobretudo, mulher.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Ronaldo Alves e Luiza Marly, por terem sempre me apoiado em todos os momentos, bons e ruins, eles com sua fé exemplar, não me deixaram desistir, amo vocês.

À avó-mãe, Marli de Freitas, quando mais precisei nesta caminhada do mestrado, mesmo com seus problemas de saúde me ajudava no que podia para que eu pudesse concluir meu trabalho, minha eterna gratidão. À minha irmã-comadre, Alana Carine, uma eterna gratidão por me ajudar nos cuidados com a nossa princesa Mavie.

Ao meu esposo Pablo Roggers, parceiro na vida e na profissão, pelo apoio e força quando nos momentos de desespero sempre levantava meu astral, pelas madrugadas em claro, com as ajudas no trabalho escrito e em campo, sei que não pude ser muito presente na sua dissertação, mas só tenho a agradecer pela ajuda e pelo maior presente que poderia ter me dado, nossa Mavie.

À minha filha Mavie, pelas madrugadas em claro, por não ter podido produzir durante o dia devido os cuidados exigidos por ela e mesmo sem entender muito o que estava acontecendo, sempre paciente, do jeito que ela poderia ser com seus 1 ano e 4 meses. Não ter dado tanto trabalho aos avós, tia e bisá quando precisei ir a campo e o mais importante, ter me dado a força motriz para que eu conseguisse chegar até o fim, foi por você minha vida!

À minha sogra Maria de Lourdes, pela força e por suas inúmeras orações a divina providência, minha cunhada Andrea e meu “cunhadre” Edson por todas as impressões e força para a conclusão deste trabalho.

À minha orientadora Ana Clélia Correia (*in memoriam*), pelo exemplo de força, e apoio ao sabermos da gravidez da Mavie, sempre tentou trabalhar para que não houvesse problemas ou até mesmo a minha desistência, por não ter desistido de mim e apesar de suas complicações, ainda conseguimos finalizar todos os detalhes do nosso trabalho, minha eterna gratidão por todas as puxadas de orelhas que me serviram de grande aprendizado, obrigada por tudo!

À coordenação da pós-graduação de antropologia e arqueologia por toda ajuda nos trâmites da licença maternidade, da qualificação e agora na defesa, em especial as professoras Andrea Scabello e Verônica pela compreensão. Natanael, grata por toda ajuda!

Aos professores Jacionira Coêlho, Luís Carlos Cavalcante e Sônia Magalhães pelo carinho e a ajuda sempre oferecida, obrigada!

À professora Conceição Lage por ter ajudado o quanto pôde neste momento de mudança tão difícil, sempre muito solícita, palavras são pouco para expressar minha gratidão.

Aos amigos de mestrado que de alguma forma me ajudaram durante as aulas e na produção da dissertação, ou até mesmo na parte psicológica, Ana Flávia, Dinoelly, Gabriel, Helane, Gilmara, Zafenathy, Igor e Lorena.

Ao meu eterno “manolo” Adolfo Okuyama, pela imensa ajuda nas produções gráficas, nos mapas e sempre disposto a ajudar no que eu precisasse, amigo você não existe, obrigada!

Ao meu grande parceiro Kallio Aécio pela imensa ajuda que me foi dada em campo, que os futuros trabalhos só aumentem! Obrigada por tudo!

À Polícia Militar do município de São Miguel do Tapuio, pela logística oferecida para a realização do trabalho.

À CAPES, pela bolsa de estudos, sem a qual o mestrado não teria sido possível.

Ao seu “Zé Benício” pela compreensão, paciência e por abrir as portas da sua casa e nos contar suas histórias de vida com o sítio Lagoa de Cima, obrigada por tudo!

Aos protetores do sítio Lagoa de Cima, Francisco Lima, Leonardo Lima, Josiel Lima, Wérison da Cruz Lima, Rodrigo Lima, Eduardo Lima, Carlos Daniel Lima, Marcos Vinícius Alves e rabito (cachorrinho que nos acompanhou nas matas), obrigada por todas as histórias e descobertas que nos apresentaram e que esta sede de conhecimento só cresça em vocês!

E a todos que de algum modo me ajudaram direta ou indiretamente, esse trabalho sem vocês não teria sido concluído.

**OBRIGADA!!!**

## RESUMO

O “Complexo Arqueológico Palmeira de Baixo”, localizado no município de São Miguel do Tapuí-Piauí-Brasil, compreende três sítios: Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio. Estes apresentando painéis de pinturas rupestres policromos, gravuras em todas as técnicas de confecção, recorrências de motivos e restos esqueléticos na superfície localizados no sítio Lagoa de Cima 2. Por ser pioneiro na região, pois apenas o sítio Lagoa de Cima havia sido cadastrado pelas pesquisadoras do Núcleo de Antropologia Pré-Histórica em 1988, primeiramente houve a necessidade de realizar o levantamento mais completo dos sítios, e de seus vestígios, inclusive das sobreposições, e traçar relações entre as pinturas e gravuras, analisar as tonalidades das cores e por fim estabelecer contrastes e similaridades nos aspectos técnico-gráfico, para a concretização destes objetivos o trabalho, em sua maior parte, foi realizado através da análise do material digital. Além dos fatores mencionados por Oliveira (2008), a dificuldade de locomoção aos sítios em estudo prejudicou a análise *in situ*, que, conforme o planejamento deveria ter ocorrido em diferentes épocas do ano, para acompanhar o comportamento dos painéis em relação a elementos físicos, químicos e biológicos. Apesar do problema mencionado anteriormente, a análise das representações não foi prejudicada, sendo este o foco da pesquisa, por ter sido armazenado um número significativo de registros, reforçando ainda mais a importância do acervo fotográfico no estudo dos painéis rupestres. Após o levantamento realizado em campo Em “gabinete”, ocorreu a etapa de informatização dos dados que foram trabalhados nesta fase com a utilização de programas como o Google Earth para localizar os sítios, Excell na organização da coleta dos dados, entre eles, coordenadas, características gerais dos sítios, motivos encontrados, Adobe Photoshop no destaque dos motivos e o Corel Draw na ilustração das técnicas de confecção das gravuras. O programa Adobe Photoshop foi de suma importância para o trabalho com a visibilidade das imagens, por proporcionar uma melhor visualização espacial das gravuras e pinturas, uma vez que o seu estado avançado de erosão, o que prejudicava a visibilidade nos registros fotográficos, mas também por auxiliar na realização dos desenhos. Através deste foi possível a realização de uma tabela que expõem os motivos e suas recorrências entre os sítios, facilitando a análise.

**Palavras-Chaves:** Gravuras rupestres, Pinturas rupestres, Correlação temática e gráfica, Análise fotográfica.



## ABSTRACT

The "Archaeological Complex Palmeira de Baixo", located in the municipality of São Miguel do Tapuio-Piauí, Brazil, comprises three sites: Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 and Lagoa do Meio. These panels featuring polychrome rock paintings, engravings in all manufacturing techniques, motifs recurrences and skeletal remains on the surface located on the site Lagoa de Cima 2. Pioneer in the area because only the Lagoa de Cima site had been registered by the researchers of Prehistoric Anthropology Center in 1988, first it was necessary to carry out the most comprehensive survey of sites, and their traces, including the overlap and draw relationships between the paintings and engravings, analyze the color tones and finally establish contrasts and similarities in technical and graphic aspects, to achieve these objectives the work, for the most part, was conducted through the analysis of digital material. In addition to the factors mentioned by Oliveira (2008), the difficulty of getting to the sites studied damaged the analysis in situ, which, according to the planning should have taken place at different times of the year to monitor the behavior of the panels in relation to physical elements, chemical and biological. Despite the problem mentioned above, the analysis of representations was not affected, which is the focus of research, having been stored a significant number of records, further reinforcing the importance of the photographic collection in the study of rock panels. After the survey conducted in the field in "office", it was the stage of computerization of data that has been worked out at this stage using programs such as Google Earth to locate the sites, Excell in the organization of data collection, including, coordinates, general characteristics of the sites, found reasons, Adobe Photoshop the highlight of the reasons and Corel Draw on the illustration of the engravings making techniques. Adobe Photoshop program was very important to work with the visibility of images, by providing a better spatial view of the engravings and paintings, since its advanced state of erosion, which hampered visibility in photographic records, but also assist in the realization of the drawings. Through this it was possible to hold a table containing the reasons and their recurrences between sites, facilitating analysis.

**Keywords:** Rock engraving, paintings rock art, thematic and graphic correlation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista geral da paisagem em torno dos sítios em estudo. Autor: Francisco João Lopes Silva, 2010.	24
Figura 2 – A tríade de Pierce. Autor: Edson Carmo, 2011.	27
Figura 3 – Ilustração das técnicas de confecção de gravuras e da confecção da pintura que posteriormente foi gravada no sítio Lagoa de Cima. Autor: Negreiros, 2013.	30
Figura 4. Demonstração do tratamento de imagens (pinturas) no Adobe Photoshop Cs3. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.	33
Figura 5. Demonstração do tratamento de imagens (gravuras) no Adobe Photoshop Cs3. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.	33
Figura 6: Estrada que dá acesso à comunidade Lagoa de Cima. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2014.	34
Figura 7: Casa localizada na comunidade Lagoa do Meio em frente ao sítio arqueológico. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.	36
Figura 8 – Vista geral de uma parte do sítio Lagoa de Cima. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.	37
Figura 9 – Vista geral do Sítio Lagoa de Cima 2, sentido leste-oeste. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	38
Figura 10 – Extensão do sítio Lagoa de Cima 2. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	38
Figura 11 – Sítio Lagoa de Cima 2, a seta indica onde foram encontrados os ossos. Autor: Kallio Oliveira, 2013.	39
Figura 12 – Vista geral do sítio Lagoa do Meio. Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.	40
Figura 13 – Vista geral do painel 1. As setas indicam a localização das gravuras. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	42
Figura 14 – Cupules em sequência, alguns locais aparentando a não conclusão das sequências. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	42
Figura 15 – Vista geral do painel 2. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	43
Figura 16 – Pintura em vermelho, não-figurativa. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	44
Figura 17 – Vista panorâmica do painel 3 com a localização das pinturas. As fotos de detalhe foram trabalhadas no Adobe Photoshop Cs3 para melhorar a visualização das pinturas. Sítio Lagoa de Cima.	45

Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 18 – Presença de várias cores (vermelho, amarelo e laranja) nas pinturas do painel 3. Sítio Lagoa de Cima.	45
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 19 – Cupules pintadas possivelmente na cor branca, localizadas a 4 m de altura. Sítio Lagoa de Cima.	46
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 20 – Gravuras no painel 3 não-figurativas, pisadas de aves e marcas gestuais. Sítio Lagoa de Cima.	46
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 21 – Gravuras realizadas com diferentes técnicas; picoteamento (em vermelho); picoteamento e posteriormente raspagem (em roxo) e picoteamento e posterior polimento (em roxo) e picoteamento e raspagem com posterior colocação de pinturas e pinturas com posterior picoteamento (em azul). Sítio Lagoa de Cima.	47
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 22 – Detalhe da primeira parte do painel 4 ilustrando a utilização de falhas da rocha para execução de gravuras.	48
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.	
Figura 23 – Gravuras destacadas em azul são confeccionadas por picoteamento e por picoteamento e posterior raspagem. Em amarelo picoteamento com posterior polimento e as setas indicam as gravuras vestigiais. Sítio Lagoa de Cima.	48
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 24 – Gravuras, com posterior aplicação de pintura e pintura com posterior gravura por picoteamento no destaque em vermelho. Sítio Lagoa de Cima.	49
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 25 – Bloco com pintura e gravuras. A erosão da rocha foi utilizada para compor as representações e várias sequências de cúpules. Sítio Lagoa de Cima.	50
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 26 – Visão geral do painel 5. Sítio Lagoa de Cima.	51
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 27– Pinturas vestigiais, encobertas por eflorescência salina. Sítio Lagoa de Cima.	52
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 28 - pinturas em vermelho, em amarelo e em preto. Sítio Lagoa de Cima.	53
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 29 – Vestígios de pinturas em branco. Sítio Lagoa de Cima.	53
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 30 – Única representação encontrada no painel 9, situada a mais de 4 m de altura. Sítio Lagoa de Cima.	54
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 31 – Bloco deslocado, contendo pintura. Sítio Lagoa de Cima.	55
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 32 – Pinturas embaixo do bloco deslocado, de difícil visualização. Sítio Lagoa de Cima.	55

Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 33 – Sítio Lagoa de Cima.	56
Autor: Magalhães 1986.	
Figura 34 – Raspagem simples com aplicação de pintura, Sítio Lagoa de Cima.	57
Autor: Rodrigues, 2013	
Figura 35 – Sítio Lagoa de Cima.	57
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 36 - Raspagem com posterior polimento, Sítio Lagoa de Cima.	58
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 37 – Sequência de cupules. Sítio Lagoa de Cima.	58
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 38 - Sequência de cupules. Sítio Lagoa de Cima.	59
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 39 – Processo de produção de gravura iniciado com picotagem e posterior aplicação de raspagem, mas sem a finalização da produção. Sítio Lagoa de Cima.	59
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 40 – Processo de produção de gravura iniciado por picoteamento e finalizado por polimento. Sítio Lagoa de Cima.	60
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 41 – Apresentação da temática característica da região estudada e policromia das pinturas. Sítio Lagoa de Cima.	61
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 42 – Gravuras feitas pela técnica de picoteamento e posteriormente pintadas, em destaque. Sítio Lagoa de Cima.	62
Fonte: SIQUEIRA, 2011.	
Figura 43 – Pinturas posteriormente gravadas pela técnica de picoteamento, em destaque. Sítio Lagoa de Cima.	62
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 44 – Vista geral do painel 1. Sítio Lagoa de Cima 2.	63
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 45 – Motivos que despertaram a atenção por serem uma representação comum na área em estudo (sinalizado em azul). Sítio Lagoa de Cima 2.	64
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 46 – Motivos encontrados no sítio Lagoa de Cima 2.	65
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 47 – Zoomorfo, possivelmente um sáurio. Sítio Lagoa de Cima 2	65
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 48 – Medição da abertura da caverna sendo feita pelos moradores do entorno que encontraram os ossos e ajudaram no levantamento dos dados. Sítio Lagoa de Cima 2.	66
Autor: Oliveira, 2013.	
Figura 49 – Ossos em superfície. Sítio Lagoa de Cima 2.	67
Autor: Oliveira, 2013.	
Figura 50 – Maxilar. Sítio Lagoa de Cima 2.	67

Autor: Oliveira, 2013.	
Figura 51 – Recorrência do motivo que remete a uma pisada de ave. Sítio Lagoa do Meio.	68
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figuras 52 e 53 – Na primeira foto, motivo serpentiforme associado a pisada de ave e gravuras não-figurativas e na segunda pisadas de aves. Sítio Lagoa do Meio.	69
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 54 – Exemplos das representações encontradas como recorrência nos sítios em estudo.	70
Autor: Okuyama, 2013.	
Figura 55 – Agrupamento de cupules. Sítio Lagoa de Cima.	72
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 56 – Sulcos agrupados. Sítio Lagoa de Cima.	72
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 57 – Pinturas figurativas em forma de zigue-zague. Sítio Lagoa de Cima.	73
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 58 – Motivo recorrente. Sítio Lagoa de Cima.	74
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 59 – Traços isolados no sítio Lagoa de Cima.	74
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 60 – Recorrência de vulvas nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa do Meio.	75
Fonte: SIQUEIRA, 2011.	
Figura 61 – Painel de gravuras no sítio Lagoa de Cima.	76
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 62 – Reprodução do painel do sítio Lagoa de Cima, onde foi possível a visualização de algumas gravuras que não puderam ser identificadas pela fotografia.	76
Autor: Okuyama, 2014.	
Figura 63 – Motivo recorrente nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2.	77
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 64 – Possibilidade de representação de propulsores no sítio Lagoa de Cima.	78
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 65 – Motivos não-figurativos em vermelho e amarelo no sítio Lagoa de Cima 2.	78
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 66 – motivos identificados nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2.	79
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 67 – Representações não-figurativas em recorrência no sítio Lagoa de Cima.	79
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figura 68 – Vista geral da vegetação em frente ao Sítio Lagoa de Cima.	85
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.	
Figura 69 – Vista externa e interna da área abrigada do Sítio Lagoa de Cima 2.	86
Autor: Oliveira, 2013.	
Figura 70 – Vista do sítio Lagoa do Meio encoberto pela vegetação.	86

Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 71 – Rachaduras estruturais e deslocamentos encontrados no sítio Lagoa de Cima.	88
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 72 – Exemplos de eflorescência salina encontrada no sítio Lagoa de Cima.	88
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 73 – Escorrimentos de água encontrados em diferentes painéis no sítio Lagoa de Cima.	89
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 74 – Plantas grimpantes encontradas em painéis no sítio Lagoa de Cima.	89
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 75 – Galerias de insetos encontradas no sítio Lagoa de Cima, entre eles, insetos construtores.	90
Autor: Rodrigues, 2010.	
Figura 76 – Em vermelho, escoamento de óleo queimado; em amarelo cimento; e em laranja, o cimento por cima de pinturas. Sítio Lagoa de Cima.	90
Autor: Rodrigues, 2013.	
Figuras 77 e 78 – Representações similares nos sítios Letreiro do Ninho do Urubu, em Castelo do Piauí, e Lagoa de Cima, em São Miguel do Tapuio, respectivamente.	91
Autores: Magalhães, 1986 e Rodrigues, 2013.	
Figuras 79 e 80 – Recorrência de motivo entre os municípios de Juazeiro do Piauí e São Miguel do Tapuio.	92
Autores: TROPEN e Rodrigues, 2013.	
Figuras 81 e 82 – Recorrência de motivos entre os municípios de Juazeiro do Piauí e São Miguel do Tapuio, confeccionados por diferentes técnicas.	92
Autores: TROPEN e Rodrigues, 2013.	

## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1 – Localização do município São Miguel do Tapuio no Estado do Piauí.	20
Mapa 2 – Esboço geológico da região de São Miguel do Tapuio, baseados nos dados da CPRM.	25
Mapa 3 – Esboço geomorfológico da região de São Miguel do Tapuio, baseados nos dados da CPRM.	26
Mapa 4 – Localização dos sítios Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio.	37

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CPRM:** Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.

**FUNDAC:** Fundação Cultural do Piauí.

**GPS:** *Global Positioning System* / Sistema de Posicionamento Global.

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**INCRA:** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

**IPHAN:** Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**NAP:** Núcleo de Antropologia Pré-Histórica.

**PARNA:** Parque Nacional.

**SPHAN:** Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**TROPEN:** Trópico Ecotonal do Nordeste.

**UFPI:** Universidade Federal do Piauí.

**UTM:** Universal Transversa de Mercator.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A ÁREA ESTUDADA</b>	<b>18</b>
1.1 Localização	18
1.2 Aspectos Etno-históricos e Históricos	19
1.3 Dados Geoambientais	20
<b>CAPÍTULO 2 – APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>25</b>
2.1 AS GRAVURAS	29
2.2 AS PINTURAS	30
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
2.3.1 Análise do acervo fotográfico	31
2.3.1.1 Divisão do espaço gráfico	31
2.3.2 As fontes	32
2.3.4 As fichas	32
2.3.4 A informatização dos dados	32
<b>CAPÍTULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS</b>	<b>34</b>
3.1 Sítio Lagoa de Cima	36
3.2 Sítio Lagoa de Cima 2	37
3.3 Sítio Lagoa do Meio	39
<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISES E INFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>
4.1 – Sítio Lagoa de Cima	41
4.2 – Sítio Lagoa de Cima 2	63
4.3 – Sítio Lagoa do Meio	68
4.4 – Recorrências e ocorrências das técnicas gráficas (pintura e gravura)	70
4.5 – Visibilidade	85
4.6 – Estado de conservação	87
4.7 – Bicromia e temática em Castelo do Piauí e motivos recorrentes em Juazeiro do Piauí	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>95</b>
<b>GLOSSÁRIO</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO</b>	



## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as pinturas rupestres, devido à quantidade e riqueza de suas temáticas e cores, por muito tempo mantiveram-se superiores quanto ao número de trabalhos, em relação aos de gravuras rupestres, que nos últimos anos,

têm recebido maior atenção, tornando-se temas de investigações mais completas, especialmente na região nordeste do país (VALLE, 2003; SANTOS JÚNIOR, 2008; CORREIA, 2009; Lage. A, 2011). Tais pesquisas têm representado um grande avanço nessa área de estudo, com revisão das classificações para gravuras rupestres propostas no passado, e o surgimento de novas linhas interpretativas para manifestações comumente encontradas, como aquelas relacionadas a marcas gestuais, por exemplo. (SIQUEIRA, 2011, p. 2).

Estas pesquisas consistiram no levantamento de sítios arqueológicos, trabalho efetivado pelo Núcleo de Antropologia Pré-Histórica da Universidade Federal do Piauí – NAP-UFPI – junto com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no projeto intitulado “Cadastramento de Sítios Arqueológicos do Piauí (1986-2005)” e o “Mapeamento dos sítios de gravuras do Estado do Piauí” (APÊNDICE A) realizado pela Dr<sup>a</sup> Ana Clélia Barradas Correia em conjunto com a autora da presente dissertação. Neste levantamento bibliográfico um município se destacou São Miguel do Tapuio onde “foram inventariados 57 sítios pré-históricos dos seguintes tipos: 2 de acampamentos, 3 de enterramentos, 5 de gravuras rupestres, 12 de pinturas e gravuras e 35 de pinturas rupestres” (IPHAN, 1999 p.1).

Três sítios arqueológicos que ainda não haviam sido explorados cientificamente chamaram a atenção, Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio por apresentarem duas técnicas de confecção (pintura e gravura) e manterem uma correlação entre as mesmas e um enterramento entre eles.

Na contextualização, segundo Valle (2003, p. 7), o estudo dos registros rupestres estaria alicerçado em dois grandes objetivos de pesquisa:

1. [...] acerca da diversidade na apresentação gráfica dos registros rupestres que, segundo Pessis (1989), indicaria diversidade de apresentação social entre os autores dos registros;

2. Estabelecer cronologias hipotéticas para as distintas práticas gráficas, através da observância de superposições entre momentos gráficos distintos e, quando possível, por meio de posicionamento crono-estratigráfico.

A presente pesquisa enquadra os seguintes objetivos: estabelecer relações entre as técnicas (pintura e gravura); definir perfis específicos, ou seja, apresentar conjuntos de características particulares dos grafismos encontrados; analisar as sobreposições pintura/gravura e gravura/pintura e, por fim, identificar similaridades e contrastes entre as representações nos aspectos técnico-gráfico (técnica de execução, cores, associações entre técnicas e figuras) e espacial (localização dos registros no painel e no sítio).

Seguindo os passos acima na ordenação de dados, este trabalho tratará da análise dos grafismos para a obtenção de uma ou mais unidades culturais que ocuparam a área em estudo. Além disso, ressalta-se o pioneirismo e a possibilidade de gerar informações, que servirão de referências para estudos mais aprofundados.

A partir da análise dos dois principais tipos de grafismos, surgiram questionamentos relacionados à ocorrência técnico-gráfica e espacial entre as formas gravadas e pintadas. **Com base na análise comparativa constata-se alguma correlação entre as duas técnicas? Como o espaço escolhido para efetuar os grafismos pode ser percebido? É possível associar a autoria dos registros a uma mesma unidade cultural?**

A dissertação apresenta-se dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo é feita a delimitação da área de estudo, o histórico do cadastramento de sítios arqueológicos da região em foco e informações pertinentes sobre o município de São Miguel do Tapuio tais como: aspectos etnohistóricos, históricos e dados geoambientais.

O segundo capítulo trata dos aportes teóricos e dos procedimentos metodológicos utilizados no estudo das gravuras e pinturas rupestres, mostrando a discussão das linhas teóricas utilizadas e os termos e conceitos empregados durante o desenvolvimento da dissertação.

No terceiro capítulo, apresenta-se os sítios arqueológicos Lagoa de Cima e Lagoa do Meio e faz-se um pré-diagnóstico sobre os principais problemas de conservação, que afetam tanto os grafismos rupestres quanto o suporte rochoso dos mesmos.

No quarto capítulo, realiza-se a análise dos resultados apresentados no capítulo anterior, considerando: coocorrência das técnicas gráficas (gravuras e pinturas); relação entre os motivos e marcas; e a arqueologia da paisagem através dos grafismos.

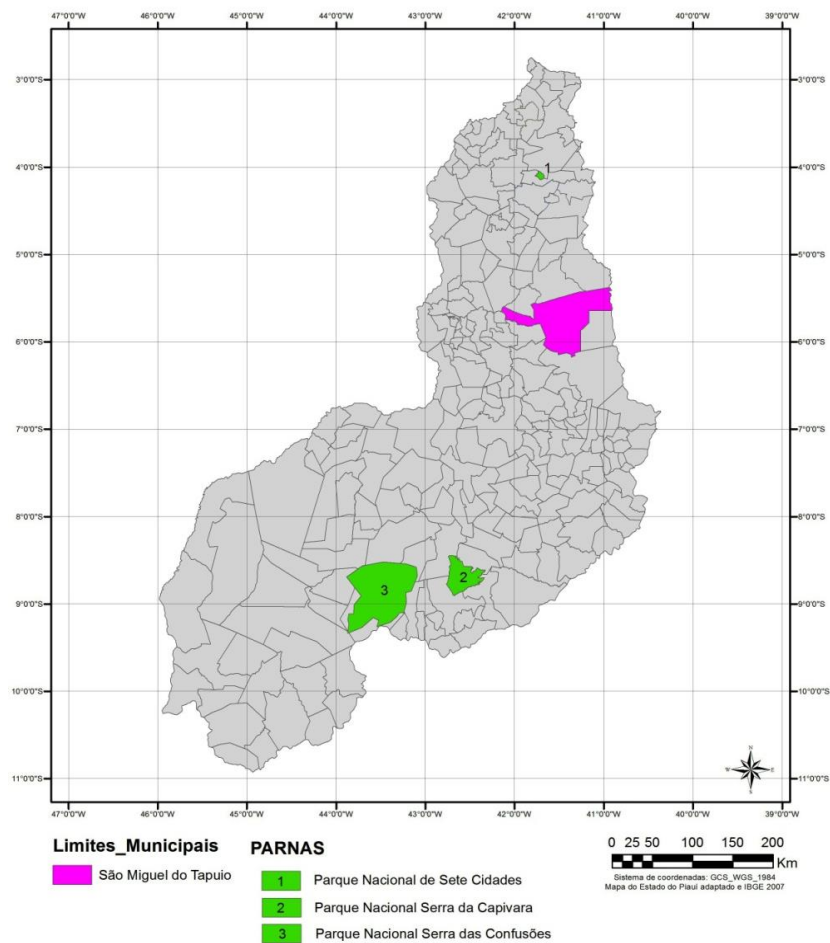
As considerações finais fecham a dissertação, mostrando as conclusões quanto aos questionamentos formulados durante a pesquisa, dentre os quais estão a recorrência de cupules que está atrelada à fertilidade, a associação e figuras corroborando com o padrão evidenciado em pesquisas anteriores no sudeste do Estado do Piauí; a primazia do vermelho como algo proposital ou não na confecção dos registros rupestres; a comunidade ligada ao sítio arqueológico; os programas de conscientização e as formas para a preservação dos sítios em estudo.

## CAPÍTULO 1

### 1 A ÁREA DE ESTUDO

#### 1.1 Localização

O município de São Miguel do Tapuio (Mapa 1) está localizado na microrregião de Campo Maior, compreendendo uma área irregular de 5.283 km<sup>2</sup>, tendo como limites os municípios de Castelo do Piauí e Buriti dos Montes ao norte, limitando-se ao sul com Pimenteiras e Aroazes, a oeste com São João da Serra, Alto Longá, Prata do Piauí e Santa Cruz dos Milagres, e a leste com Assunção do Piauí e com os municípios cearenses de Novo Oriente e Crateús (ARAÚJO, 2008).



Mapa 1 – Localização do município de São Miguel do Tapuio no Estado do Piauí.  
 Autor: Okuyama, 2013.

## 1.2 Aspectos Etnohistóricos e Históricos

Tendo como base as informações do historiador Padre Cláudio Melo (1988) e dos pesquisadores Luis Mott (1985) e Jacionira Silva (2003) tenta-se conhecer os povos que viveram nas terras correspondentes ao que hoje se denomina de município de São Miguel do Tapuio, tendo a possibilidade de um desses, ser o autor das pinturas e gravuras apresentadas neste trabalho.

Em 1606 os padres jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira chegaram à região da Ibiapaba na tentativa de converter os índios ao catolicismo. Os Tabajara aceitaram a doutrinação missionária, já os Tacariju se negaram e acabaram considerando os jesuítas feiticeiros, motivo que levou à morte de um dos padres (MELO, 1988).

No território desses últimos índios, o mestre-de-campo havia fundado outra localidade que denominou Cabeça do Tapuio, que seria o início da cidade de São Miguel do Tapuio, no Piauí. Como local para sediar essa fazenda, o proprietário escolhera uma antiga tapera dos Tacariju, lugar da aldeia destruída durante a chacina desses índios pelos Tabajara da Ibiapaba, como vingança pela morte do Padre Pinto (SILVA, 2003). “Os Tacariju não se deixaram dominar, preferiram lutar até tombar o seu último guerreiro” (MELO, 1988). Segundo Mott (1985), o Padre Carvalho também mostrou em seus registros como essa expansão foi dificultada pelos índios,

estes sertões estão povoados de muitos tapuias bravos, valentes e guerreiros, entre os quais se acham alguns que se governam com alguma rústica política, tendo entre si Rei e chamando seus distritos reinos, como são rodeiros, que se contam com sete reinos, e são tão guerreiros que até agora não foram batidos, sendo muitas vezes acometidos por grandes tropas de bandeirantes paulistas. (MOTT, 1985, p. 6).

São Miguel, depois São Miguel do Tapuio, foram os topônimos que sucederam ao de Deliciosa, antiga fazenda pertencente a Dona Rosaura Muniz Barreto, filha do Tenente Aleixo Muniz Barreto, e proprietária da sesmaria denominada Cabeça do Tapuio e que, segundo alguns, deveu seu nome ao da tribo tapuia, habitante da região, em tempos remotos. No entanto, há quem admita ter o designativo Tapuio sido acrescido por viajantes ou pelo Serviço Postal, para distinguir a localidade de outras, com igual topônimo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).

O povoado originou-se com a doação feita por Dona Rosaura, de uma gleba de terra da fazenda Deliciosa para a construção da Igreja Arcanjo São Miguel e formação do seu patrimônio, destinado a criação do núcleo populacional e comercial. A escritura de doação estabelecida a mudança do nome de Deliciosa para São Miguel, a fim de homenagear o filho da doadora, de nome Miguel, e que falecera jovem. São Miguel foi escolhido para padroeiro do lugarejo. (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011).

Segundo este levantamento em janeiro de 1909 foi elevado à categoria de Distrito com o nome de Tapuio. Em 1925, a localidade, que até então pertencia ao Município de Castelo do Piauí, passou para o Município de Aroazes, recém-criado. E por fim em 1938, São Miguel do Tapuio foi elevado à categoria de Sede Municipal.

### **1.3 Dados Geoambientais**

Localizado na região da Chapada da Ibiapaba, apresenta diferentes formas de relevo, compreendendo, principalmente: nas superfícies tabulares reelaboradas (chapadas baixas), relevo plano, com partes suavemente onduladas; nas superfícies tabulares cimeiras (chapadas altas), relevo plano, com grandes mesas recortadas; e nas superfícies onduladas, relevo movimentado, encostas e prolongamentos residuais de chapadas, desníveis e encostas mais acentuadas de vales, elevações (serras, morros e colinas) (AGUIAR; GOMES, 2004).

Os solos são provenientes da alteração de arenitos, siltitos, folhelhos, conglomerados e lateritos, compreendendo: solos litólicos, álicos e distróficos, de textura média, pouco desenvolvidos, rasos a muito rasos, fase pedregosa, com floresta caducifólia e/ou floresta subcaducifólia/ cerrado; solos podzólicos vermelho-amarelos, textura média a argilosa, fase pedregosa e não pedregosa, com misturas e transições vegetais de floresta sub-caducifólia e caatinga; areias quartzosas, que compreendem solos arenosos essencialmente quartzosos, profundos, drenados, desprovidos de minerais primários, de baixa fertilidade, com transições vegetais de fase caatinga hiperxerófila e/ou cerrado sub-caducifólio e floresta sub-caducifólia (AGUIAR; GOMES, 2004).

Geologicamente, as diferentes unidades que se destacam na área do município pertencem às coberturas sedimentares (mapa 2), descritas a seguir. Os sedimentos mais recentes fazem parte dos Depósitos Colúvio – eluviais contendo areia, argila, cascalho e

laterito. A Formação Potí engloba arenito, folhelho e siltito. Mais abaixo jaz a Formação Longá com arenito, siltito, folhelho e calcário. Logo após repousam os sedimentos da Formação Cabeças, agrupando arenito, conglomerado e siltito. A Formação Pimenteiras destaca-se com arenito, siltito e folhelho. Na porção basal da sequência encontra-se o Grupo Serra Grande encerrando conglomerado, arenito e intercalações de siltito e folhelho (AGUIAR; GOMES, 2004). Onde os sítios se encontram predominam a Formação Cabeças, grupo Canindé: arenito.

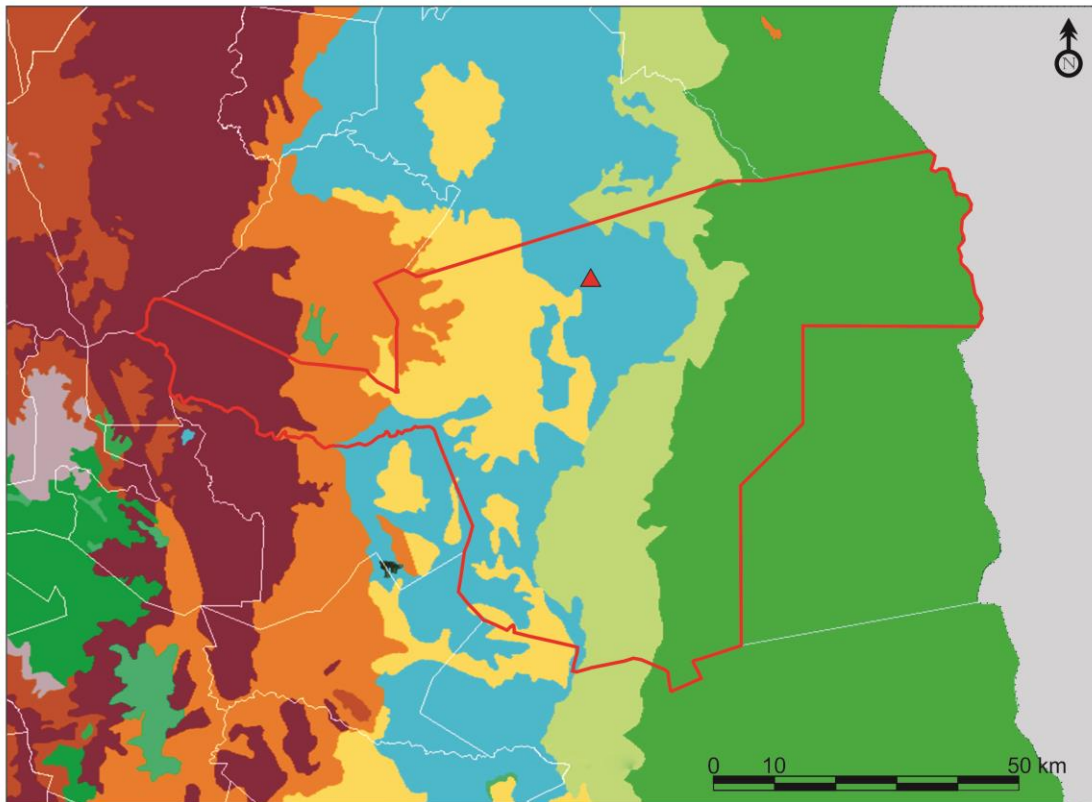
Formação Cabeças. Dominantemente arenosa, apresenta estruturas sedimentares tipo sigmoidal, localmente com diamictitos, em ambiência nerítica com influência periglacial. Predominam arenitos médios a finos, por vezes grosseiros, pouco argilosos. Intercalam-se, subordinadamente, siltitos laminados e folhelhos micáceos de coloração arroxeadada e avermelhada, oriundos da deposição de um sistema nerítico plataformal, em regime de maior energia deposicional, ocorrido no final do Devoniano (Neofrasniano/Eoframeniano), baseado no escasso conteúdo de microfósseis. (PFALTZGRAFF, 2010, p. 20).

Geomorfologicamente, as unidades encontradas são as seguintes: chapadas e platôs, baixos platôs dissecados e superfícies aplainadas degradadas (mapa 3). Os sítios investigados neste trabalho se encontram na unidade de baixos platôs dissecados.




Os Baixos Platôs são relevos de degradação em rochas sedimentares, com superfícies ligeiramente mais elevadas que os terrenos adjacentes, francamente dissecadas em forma de colinas tabulares. Apresentam um sistema de drenagem constituído por uma rede de canais com baixa densidade de drenagem, que gera um relevo pouco dissecado de amplos topos tabulares e sulcado por vales encaixados com vertentes retilíneas e declivosas, resultantes da dissecação fluvial recente. Apresenta deposição de planícies aluviais restritas em vales fechados. (PFALTZGRAFF, 2010, p. 51).

As condições climáticas do município de São Miguel do Tapuio (com altitude da sede a 285 m acima do nível do mar) apresentam temperaturas mínimas de 20 °C e máximas de 32 °C, com clima quente tropical. A precipitação pluviométrica média anual (com registro de 1.000 mm, na sede do Município) é definida no Regime Equatorial Marítimo, com isoietas anuais entre 800 a 1.400 mm, cerca de 5 a 6 meses como os mais chuvosos e período restante do ano de estação seca. Os meses de fevereiro, março e abril correspondem ao trimestre mais úmido da região (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013).







### Geologia e Limite Geopolítico do Município de São Miguel do Tapuio



#### Legenda

-  Complexo arqueológico Palmeira de Baixo
-  Limite municipal - São Miguel do Tapuio
-  Limite do Estado do Ceará

#### Unidades geológicas

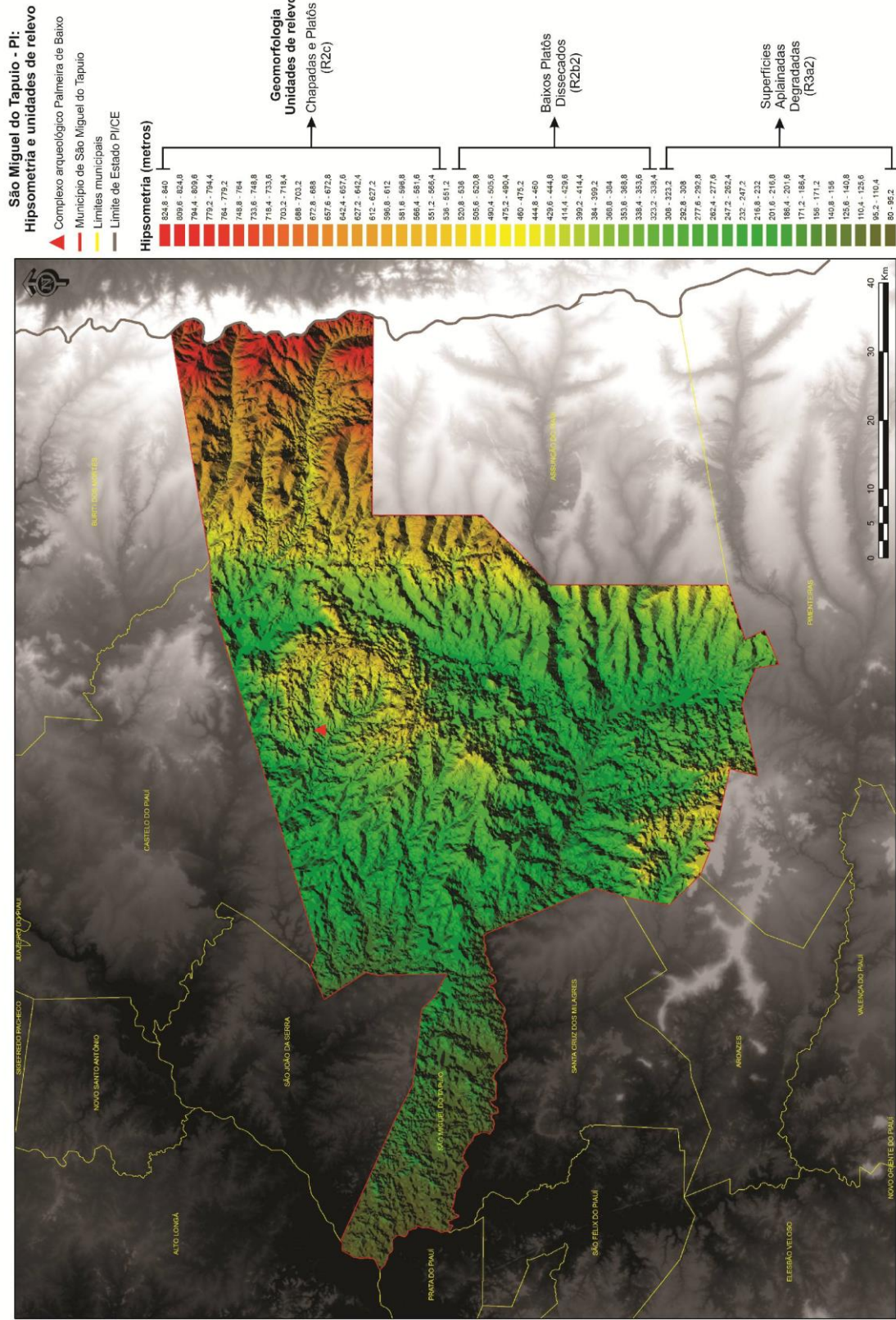
-  Depósitos colúvio-eluviais: Depósitos de areia, Depósitos de cascalho, Depósitos de argila
-  Formação Poti, Grupo Canindé: Arenito, Siltito, Folhelho
-  Formação Longá, Grupo Canindé: Folhelho, Arenito, Siltito
-  Formação Cabeças, Grupo Canindé: Arenito
-  Formação Pimenteiras, Grupo Canindé: Siltito, Folhelho, Arenito
-  Grupo Serra Grande: Arenito, Siltito arenoso, Folhelho, Ortoconglomerado

Adaptado de: <http://www.geobank.sa.cprm.gov.br> - acesso em 30 abril 2014  
 Mapas Geológicos Estaduais: Piauí - 1:1.000.000  
<http://www.gmapas.com> - acesso em 30 abril 2014  
 Polígonos dos municípios do Piauí

Autor: OKUYAMA e SIQUEIRA 2014

Mapa 2 – Esboço geológico da região de São Miguel do Tapuio, baseados nos dados da CPRM. Autores: Okuyama e Siqueira, 2014.





Adaptado de: Hipsometria (dados SRTM); MIRANDA, E. de; (Coord.) 2005  
 Geomorfologia: CPRM 2010  
 Limites geopolíticos: IBGE 2010  
 Autoria: OKUYAMA, Adailso; SIQUEIRA, Amantia, 2014

A região situa-se em área de transição, apresentando uma vegetação (Figura 1) composta de cactáceas (xique-xique), bromeliáceas (macambira), palmeiras e de espécies de clima semiárido.



Figura 1 – Vista geral da paisagem em torno dos sítios em estudo.  
Autor: Francisco João Lopes Silva, 2010.

## CAPÍTULO 2

### 2 APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A arqueologia não é apenas descoberta, interpretação e classificação dos objetos de que o homem se serviu; o homem viveu num espaço organizado, espaço que é uma combinação dinâmica, e por isso mesmo instável, de elementos físicos e de fatores culturais: tecnologia, divisão social do trabalho, estruturas sócio-econômicas e sócio-políticas, ideologias, condicionam essa organização sendo função da arqueologia reconstituir o espaço, explicá-lo, acompanhá-lo na sua constante evolução. (ALARCÃO, 1983, p.474-475).

Através desta perspectiva, a pesquisa ora relatada busca, nas representações rupestres, respostas relacionadas à sua produção e significação. A linha científica seguida não defende a busca e obtenção de resultados somente quantitativos e qualitativos, por exemplo, como no histórico-culturalismo e no processualismo. Admite-se que são aceitas várias leituras em um painel pintado ou gravado, desde que não se determine como a única possível (CORREIA, 2009), e que prevaleça entre elas a ideia de que as representações rupestres são, na realidade, uma forma de comunicação entre grupos.

Interpretar a arte rupestre como texto, como mapa, como resultado de padrões socialmente estabelecidos, como códigos que refletem diversas posições teóricas dos pesquisadores nos diversos enfoques interpretativos são diversas formas de abordagens que podem, muitas vezes, serem complementares. A semiótica pode nos oferecer uma grade teórico-metodológica que coloca essas interpretações em diversos níveis estabelecendo os critérios empregados por cada um dos pesquisadores. (OLIVEIRA, 2008, p. 475).

A semiótica com seus conceitos de “signo”, “significado” e “interpretante” traz um embasamento concreto quanto à interpretação e ao enfoque da pesquisa, pois,

procura descrever e explicar, a partir das bases arroladas e dos seus princípios epistemológicos, metodológicos e analíticos, os mecanismos por meio dos quais os textos buscam atingir o objetivo de dizer o que dizem gerando os efeitos de sentido. (COSTA, 1999, p. 150).

Esta teoria tem como pilar “a noção de signo como entidade que permeia toda a existência, de forma a estabelecer um elo comunicacional entre as coisas do mundo” (AZEVEDO NETTO, 2002, p. 2).

Ou seja,

em seu papel de adjuvante do sentido, a semiótica faz ver na imagem não um elemento estático e já dado uma “representação” do ser do mundo, mas todo um universo de transformações, de geração de “efeitos de presença” das imagens, que mostra como se configura, no texto, o parecer com que o homem pode se contentar. Vemos assim “apreensões intuitivas” se tornarem objeto a partir de toda uma atividade exploratória que, sem destruir a estesia que as imagens tornam presentes, vai conduzindo estas últimas rumo ao inteligível, em conformidade com o objetivo greimesiano de dotar de cientificidade em projeto de descrição do alicerce das transformações do sentido. (COSTA, 1999, p. 148).

A pintura e a gravura rupestre devem ser vistas não como uma forma de “arte” e sim como uma linguagem constituída de signos (HYDER, 1988, p.7). “(...) considera-se que informações são transmitidas e que é estabelecida uma comunicação” (HEGMON, 1992, *apud* RIBEIRO, 2008, p.56).

O signo não é, portanto, uma entidade física e palpável, mas uma entidade abstrata, existente na consciência daqueles que compartilham uma mesma cultura, já que prescinde de uma característica relacional entre os transmissores e receptores destas entidades. Ao mesmo tempo em que é necessária a relação entre os envolvidos em um processo de comunicação para a existência do signo, é, igualmente, necessário que as instâncias de transmissão e significação sejam relacionadas (AZEVEDO NETTO, 2002, p. 3-4).

Na semiótica o signo faz parte de uma “tríade”, entre o objeto, veículo e interpretante (Figura 2), que segundo Azevedo Netto (2002) faz parte da construção dos processos de comunicação e significado.

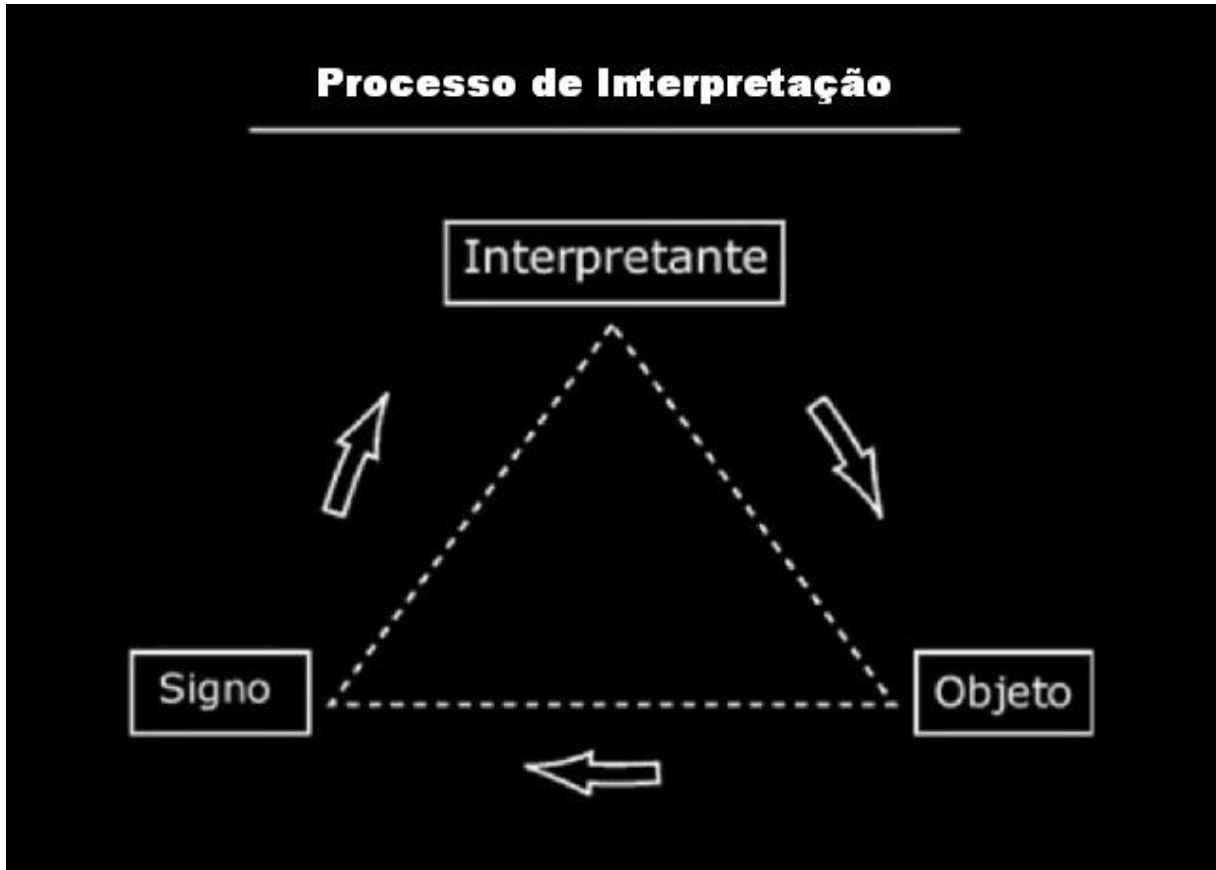


Figura 2 – A tríade de Peirce.  
 Autor: Edson Carmo, 2011.

O conceito de signo aqui adotado é aquele que aproxima a semiótica do conceito de informação. Para que exista um signo, o receptor, necessariamente, não precisa entender o seu significado, basta que identifique a possibilidade daquele sinal significar algo (que é a função sígnica), que e a existência do signo fique assegurada (AZEVEDO NETTO, 2001, p. 62).

Para Azevedo Netto (2001), o significado não precisa necessariamente ser inerente, pois o signo não é obrigado a trazer consigo o significado, mas sim possibilitar a criação deste.

Para a Arqueologia, o significado original de todo o registro arqueológico está perdido, o seu trabalho está justamente em possibilitar que aqueles vestígios sobreviventes do passado possam ser entendidos, ou seja, que esses vestígios culturais possibilitem a construção do significado do contexto arqueológico. (AZEVEDO NETTO, 2001, p. 68).

Ou melhor, trazendo a representação rupestre “em analogia à linguagem, os artefatos seriam sistemas de signos que comunicariam significados não verbais dentro de uma visão de conjunto, buscando-se a organização interna nos painéis” (OLIVEIRA, 2008, p. 471). Essa afirmação reforça a ideia de que os registros rupestres não são apenas passíveis a contagens e classificações em tradições, sub-tradições, estilos, e que,

com certeza não eram obras de “arte” no sentido que damos hoje à palavra. É claro que, durante todos esses milênios e em tantos lugares, algumas pessoas podem ter deixado simples *graffiti*, e outros desenhos talvez fossem feitos para fins decorativos. No entanto, o mais provável é que a maioria dos grafismos tenha sido feita como a afirmação de etnicidade, expressão de uma crença, ato mágico, proclamação política de status, trato ou posse. (PROUS, 2006, p. 73)

Uma vez que é,

permeada por códigos linguísticos, artísticos, culturais e memoráveis, a arte rupestre é uma das manifestações mais importantes para a compreensão do desenvolvimento cognitivo da humanidade. Com extensão geográfica mundial, variedade cronológica, a prática de pintar/gravar rochas é uma manifestação mental que desdobra entre o real e a realidade, ou entre a natureza e a cultura. O processo operacional da arte rupestre, inter cruzado pela materialidade e os códigos mentais, vislumbra representações do real, da natureza, de si e de outros. O homem que pinta/grava produz narrativas imagéticas que expressam um mundo próprio – Umwelt- uma interpretação de si em consonância com o lugar espacial, cronológico, social e cultural. (BORGES; COSTA, 2013, p. 54).

Além da interpretação das pinturas e gravuras rupestres, outro ponto que causa muita polêmica são as nomenclaturas e seus termos. Alguns utilizam “grafismos”, “arte rupestre”, “inscrição rupestre”, mas, entre estes, o que mais provoca questionamentos é o termo Arte Rupestre.

Essa terminologia direcionada à arte não é aceita por muitos pesquisadores. Para Layton (1991), é bastante complexo definir a “arte” e a “não-arte”, mas este autor estabelece dois modos de abordar esta definição e em um deles está a estética.

Como menciona outro pesquisador Haselberger, “obras de arte deveriam ser esteticamente agradáveis, não estrita e pragmaticamente funcionais” (HASELBERGER, 1961, *apud* LAYTON, 1991, p. 13). Ou seja, pelo sentido literal da palavra, os estudos dentro desta área não poderiam chegar a uma interpretação mais aprofundada, pois,

[...] a “obra de arte” é considerada desde Kant, uma “finalidade sem fim”, ou seja, sua própria finalidade, objeto de contemplação estética quase que mística. Por não o conhecer, é que consideramos uma escultura de sambaqui, de catedral gótica ou da Nigéria apenas como uma obra de arte, e não como instrumento de culto, ou meio de propagação de uma ideologia. (PROUS, 1992, p. 510 *apud* SILVA, 2004, p. 3).

A pesquisa em questão optou por utilizar o termo “representação rupestre”,

Representação como reprodução daquilo que se pensa. Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos (estéticos), pela imaginação ou pela memória, retraduzido no conjunto de signos não verbais, e compreendido no campo de elaboração relativa ao psicológico e ao sociológico. E ainda, representação no sentido de sua origem na semiótica, onde o conceito exerce o papel de evidenciar categorias de signos diferentes, que interagem no contexto segundo leis próprias de organização estruturais, de processos de representação particulares. (SILVA, 2004, p. 4).

Mas assim como admite André Prous (1992), embora considerando em suas pesquisas outra forma de denominação, o termo Arte Rupestre dificilmente seria abandonando, pois se encontra consagrado dentro da pesquisa arqueológica.

## 2.1 As Gravuras

Quanto à nomenclatura das técnicas, estas foram baseadas em dois pesquisadores Valle (2003) e Santos Júnior (2008). Nos sítios em estudo foram identificadas as seguintes técnicas: polimento, picoteamento e raspagem (Figura 3). Por haver certas nuances nessas técnicas de execução, e gravuras que apresentavam mais de uma delas, procedeu-se a seguinte subdivisão: raspagem simples, raspagem com posterior polimento, picotagem simples, picotagem com posterior polimento e, por fim, picotagem com posterior inserção de pigmento e vice-versa.

De acordo com Valle (2003), a raspagem simples resulta de um contato superficial entre dois corpos, seguindo uma única direção ou em duas direções, sendo estas em sentidos contrários (esquerda e direita, ou cima e baixo), deixando visíveis irregularidades nas bordas e no interior da gravura. Por não ter um aperfeiçoamento para a sua finalização, demanda menos tempo de execução. Já outra técnica, com semelhanças na execução, é a raspagem com posterior polimento, que recorre a outros meios abrasivos como, por exemplo, areia e água,

demandando, assim, um maior tempo de trabalho, finalizando com as visíveis irregularidades mencionadas anteriormente.

Segundo Santos Júnior (2008), a picotagem simples é realizada por um instrumento pontiagudo onde uma série de impactos contínuos produzem as gravuras; a picotagem com posterior polimento segue as mesmas técnicas da simples sendo que as marcas são mais profundas pela utilização da prática do polimento.

Picotagem com posterior inserção de pigmento e vice-versa, apresenta os mesmos procedimentos técnicos do picoteamento simples, com a posterior adição de pigmento para a realização da pintura. Ocorrendo também a produção do motivo pictórico, e após a realização deste procede-se ao picoteamento em volta do mesmo.

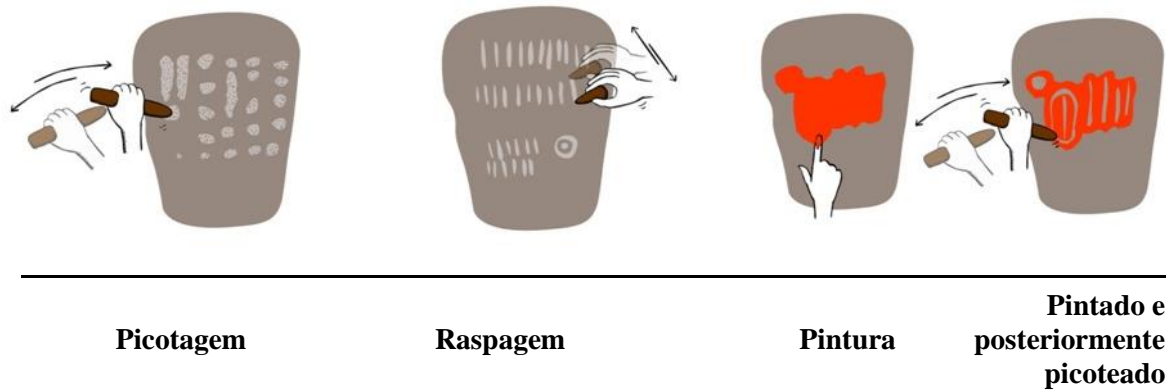


Figura 3 – Ilustração das técnicas de confecção de gravuras e da confecção da pintura que posteriormente foi gravada no sítio Lagoa de Cima.

Autor: Negreiros, 2013.

## 2.2 As Pinturas

Esta pesquisa não filiou as representações rupestres a nenhum tipo de tradição, mas descreveu sua cor, posição no suporte rochoso, distinguiu o tipo de motivo; observou se havia associação a algo; o tamanho, a existência de recorrências, obtendo, assim, o maior número de informações possíveis dos sítios em destaque.

## 2.3 Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa utilizou-se das convenções apontadas por Valle (2003), Comerlato (2005), Santos Júnior (2008), Correia (2009) e Ana Lage (2011) enquanto à análise das



técnicas das gravuras e sobre as pinturas baseou-se nos trabalhos realizados por Santos Júnior (2005), Leite (2000) e com relação à policromia, nos trabalhos realizados por Ribeiro (2006). São apresentadas a seguir as ferramentas utilizadas para obtenção dos resultados.

### **2.3.1 Análise do acervo fotográfico**

Qualquer descrição ou análise de representações visuais esbarra na impossibilidade de construção de um metadiscorso somente com imagens, sem fazer recurso do discurso verbal. Para suprir essa indeterminação das imagens é preciso efetuar-se registros precisos, sob diversas formas, como croquis, fotografias, tentando obter o máximo de informações estabelecendo um Interpretante próximo ao pretendido pelo Signo. (OLIVEIRA, 2008, p. 477).

Partindo deste princípio, o trabalho, em sua maior parte, foi realizado através da análise do material digital. Além dos fatores mencionados por Oliveira (2008), a dificuldade de locomoção aos sítios em estudo prejudicou a análise *in situ*, que, conforme o planejamento deveria ter ocorrido pelo menos três vezes, em diferentes épocas do ano, para acompanhar o comportamento dos painéis em relação a elementos físicos, químicos e biológicos. Apesar do problema mencionado anteriormente, a análise das representações não foi prejudicada, sendo este o foco da pesquisa, por ter sido armazenado um número significativo de registros, reforçando ainda mais a importância do acervo fotográfico no estudo dos painéis rupestres.

#### **2.3.1.1 Divisão do espaço gráfico**

A delimitação dos painéis foi baseada nos procedimentos adotados em trabalhos de conservação de sítios arqueológicos (BRUNET *et al.* 1985; LÔREDO, 1994), que segue a seguinte orientação: da esquerda para direita, de cima para baixo. Com relação à contagem dos mesmos, esta foi determinada pela divisão natural da rocha. Por isso, estes trabalhos devem se pautar em um reconhecimento profundo do sítio estudado, pois cada sítio é único. Quanto mais completa a realização da análise, mais bem sucedida será a intervenção e melhor preservados serão os registros. Nenhuma das medidas de intervenção deve levar a consequências drásticas, como à perda do valor histórico ou da própria identidade do sítio (LAGE, 1996, 2007; LAGE;BORGES;ROCHA JÚNIOR,2004/2005; LAGE *et al.*2010).

### **2.3.2 As fontes**

A principal fonte e coleta de informações da pesquisa foi o registro fotográfico. Este obedeceu ao mesmo protocolo de coleta de imagens utilizado na pesquisa de Valle (2003) que contempla, basicamente, “três níveis de dados: dados ambientais, relativos ao entorno geomorfológico do sítio; dados do sítio, sua estrutura física e sua situação no ambiente; dados do registro rupestre, relativos às características das gravuras”. (VALLE, 2003, p. 65).

### **2.3.3 As fichas**

Foram utilizadas como base as fichas para levantamento dos registros rupestres empregados pela pesquisadora Fabiana Comerlato (2007) em seu trabalho de pós-doutorado júnior, sendo complementadas com algumas singularidades encontradas nos sítios (ANEXO A). Quanto às fichas de levantamento dos problemas de conservação, foram utilizadas as fichas já elaboradas pelos pesquisadores da área de estudo como as usadas por Ana Lage (2011) em sua dissertação (ANEXO A).

### **2.3.4 A informatização dos dados**

Em “gabinete”, ocorreu a etapa de informatização dos dados que foram trabalhados nesta fase com a utilização de programas como o Google Earth para localizar os sítios, Excell na organização da coleta dos dados, entre eles, coordenadas, características gerais dos sítios, motivos encontrados, Adobe Photoshop no destaque dos motivos e o Corel Draw na ilustração das técnicas de confecção das gravuras.

O programa Adobe Photoshop foi de suma importância para o trabalho com as imagens, por proporcionar uma melhor identificação espacial das gravuras e pinturas, uma vez que o seu estado avançado de erosão, prejudicava a visibilidade nos registros fotográficos (Figuras 4 e 5). Através deste foi possível a criação de uma tabela que expõem os motivos rupestres e suas recorrências entre os sítios, facilitando a análise para a conclusão dos objetivos.

Com os resultados obtidos, em campo, e em laboratório, foi possível a realização da análise e o estudo interpretativo dos grafismos pintados e gravados no suporte rochoso dos sítios.

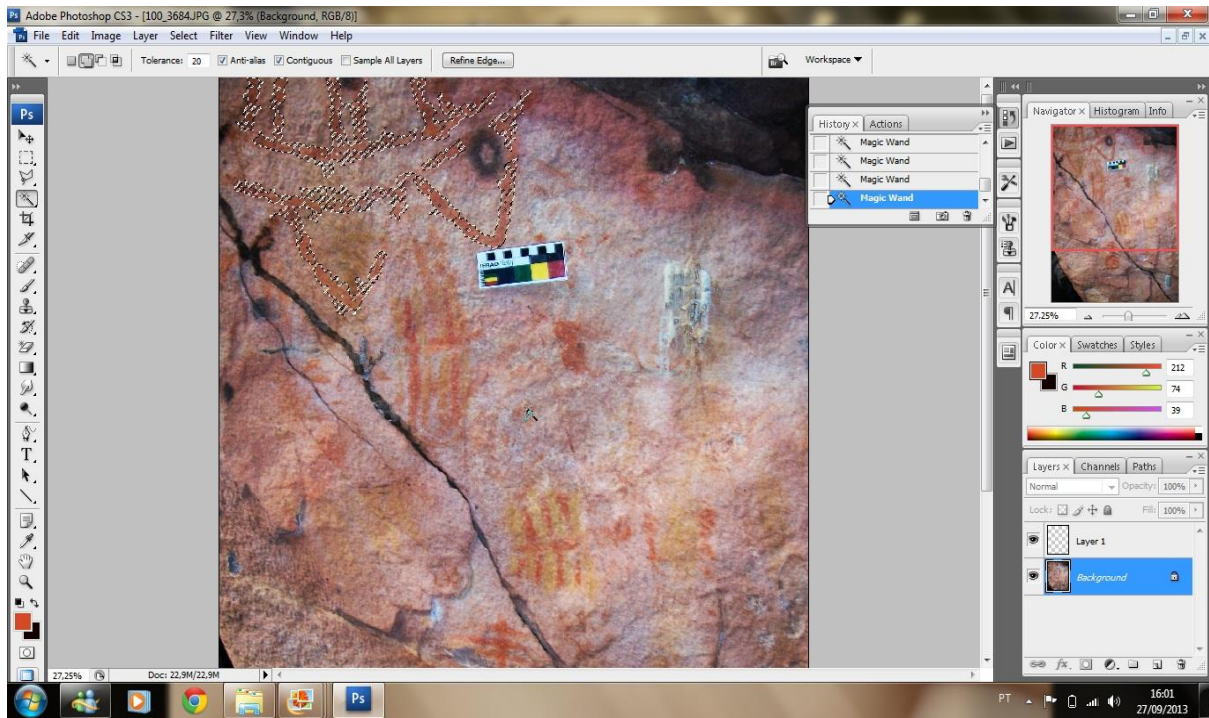


Figura 4. Demonstração do tratamento de imagens (pinturas) no Adobe Photoshop Cs3.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.

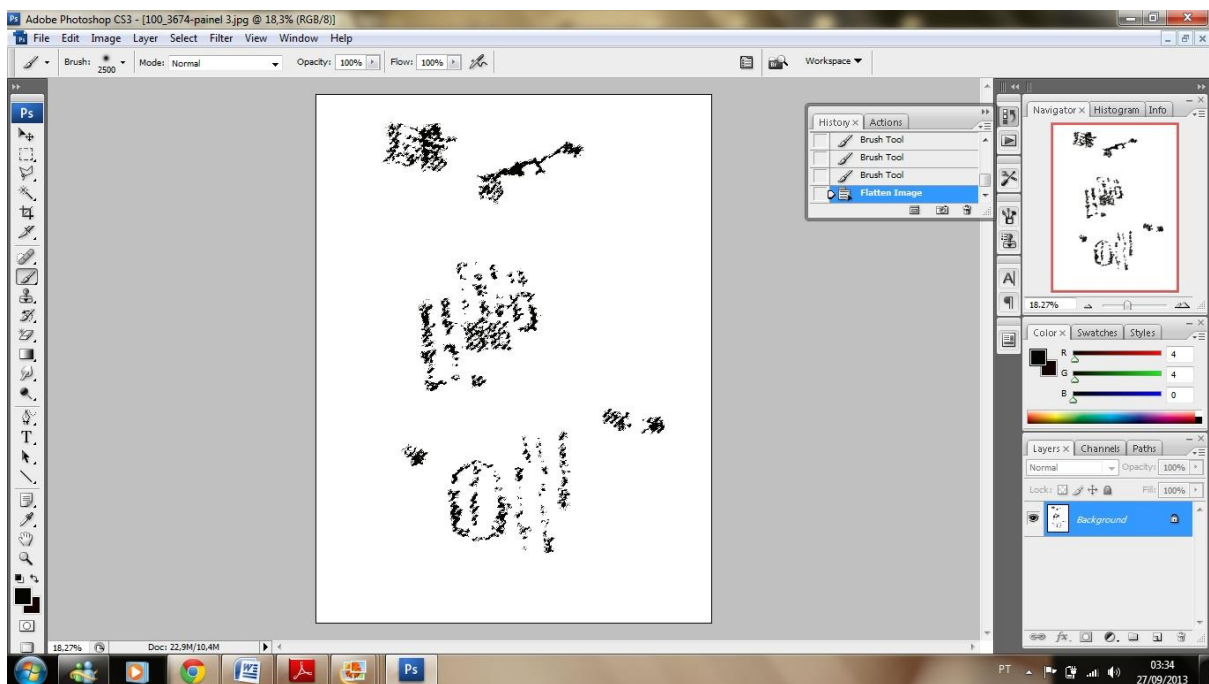


Figura 5. Demonstração do tratamento de imagens (gravuras) no Adobe Photoshop Cs3.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.

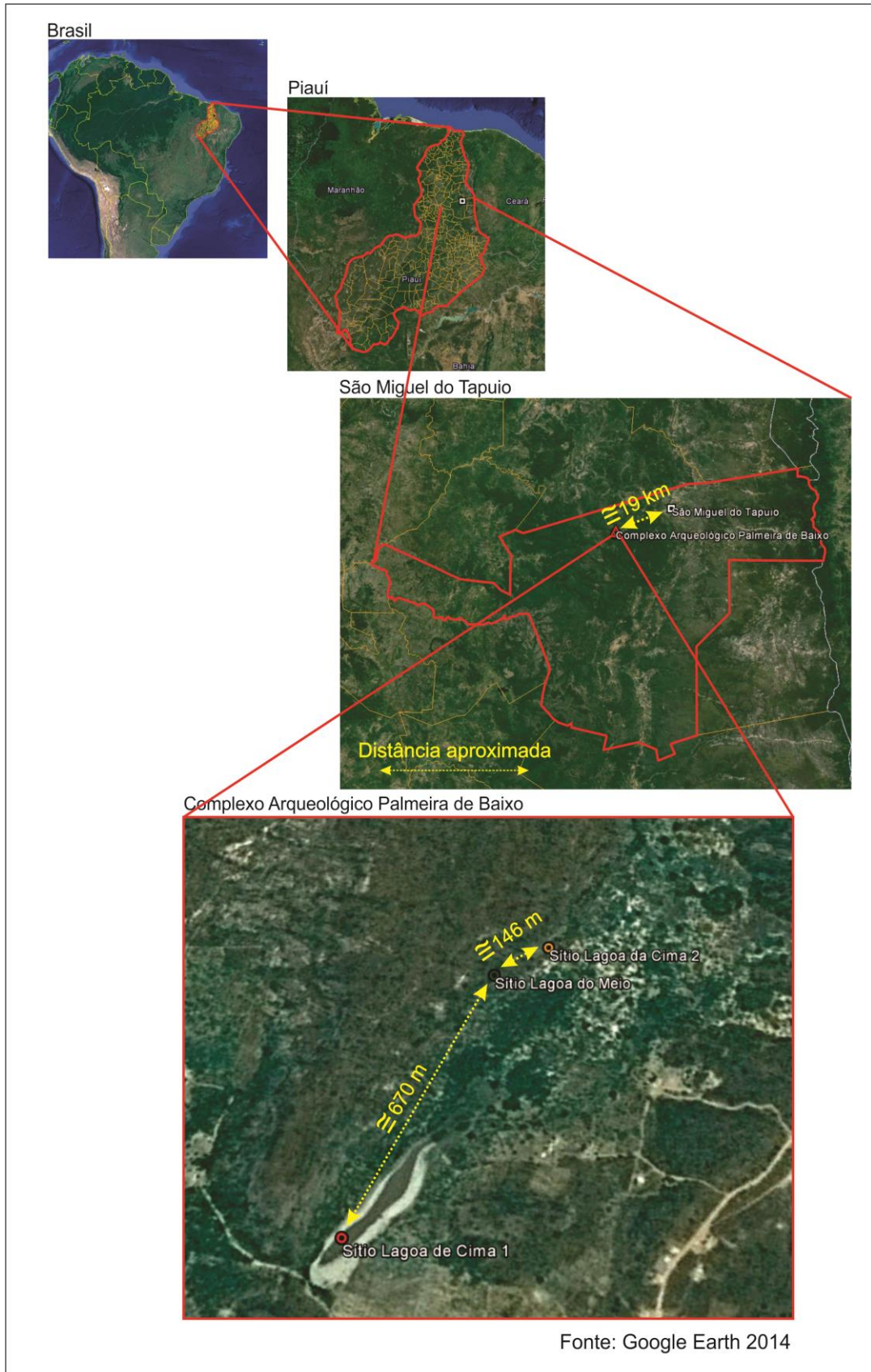
## CAPÍTULO 3

### 3 APRESENTAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Localizados no povoado Palmeira de Baixo (Mapa 4) entre duas comunidades “Lagoa do meio” (Figura 6) e “Lago de Cima” (Figura 7) distam cerca de 20 km da sede municipal de São Miguel do Tapuio. O acesso se dar por uma estrada de terra. Estes distam cerca de 50 km do Assentamento Saco do Juazeiro, conhecido por ter em sua região numerosos sítios de arte rupestre.



Figura 6: Estrada que dá acesso à comunidade Lagoa de Cima.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2014.



Mapa 4: Localização dos sítios Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio.  
 Autor: Okuyama, 2014.



Figura 7: Casa localizada na comunidade Lagoa do Meio em frente ao sítio arqueológico.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.

### 3.1 Sítio Lagoa de Cima

O sítio Lagoa de Cima (Figura 8) localiza-se nas coordenadas geográficas S 05° 34' 27,5''/ W 041° 28' 50,0'', elevação 297 m em relação ao nível do mar. Mede aproximadamente 73 m de comprimento e 15 m de altura.

Fazem parte da estrutura do sítio um esquema de abrigo e blocos, os quais apresentam grafismos pintados e gravados. Os grafismos gravados estão nos suportes mais abaixo, em sua maioria em blocos soltos, e os painéis, se estabelecem da seguinte maneira: pintados, gravados, pintados e gravados, pintados, gravados, pintados e gravados, pintados e pintados. Nos painéis sobressai-se a policromia (vermelho, vermelho-escuro, amarelo, laranja, preto) em tons variados, embora os grafismos em si não apresentem mais que três cores.



Figura 8 – Vista geral de uma parte do sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.

### 3.2 Sítio Lagoa de Cima 2

Este sítio localiza-se nas coordenadas geográficas S 05° 34' 05.8'' W 041° 28' 35,6'', com elevação de 308 m em relação ao nível do mar. Mede, aproximadamente, 40 m de comprimento e 15 m de altura (Figuras 9 e 10). Apresenta as cores amarelo e vermelho em um mesmo motivo. Entre os painéis, há uma caverna que possui ossos dispersos pela superfície (Figura 11). Alguns estão queimados, e aparentam ser de humano.

Como o foco principal desse estudo são as gravuras e pinturas rupestres, não constando, portanto na metodologia a realização de uma escavação para obter maiores informações sobre esses restos esqueléticos, estes foram deixados *in situ*. Em uma análise mais detalhada do local, foi possível a identificação de mais ossos, levando a crer que pertençam a mais de um indivíduo.



Figura 9 – Vista geral do Sítio Lagoa de Cima 2, sentido leste-oeste.  
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



Figura 10 – Extensão do sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.





Figura 11 – Sítio Lagoa de Cima 2, a seta indica onde foram encontrados os ossos.  
Autor: Kallio Oliveira, 2013.

### 3.3 Sítio Lagoa do Meio

Localiza-se nas coordenadas geográficas S 05° 34' 08,2" e W 41° 28' 39.7", com elevação de 302 m. Possui 3 m de comprimento e 8 m de altura. Apresenta as mesmas características geomorfológicas dos outros sítios em estudo, estando separado dos demais por uma lagoa da localidade Palmeira de Baixo. É menor em comparação aos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2, apresentando apenas um painel onde estão localizadas as gravuras (Figura 12). Essas apresentam as mesmas temáticas das pinturas e gravuras dos outros dois sítios arqueológicos descritos anteriormente.



Figura 12 – Vista geral do sítio Lagoa do Meio.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2010.

## CAPÍTULO 4

### 4 ANÁLISE E AS INFERÊNCIAS

As pinturas traduzem a forma particular de cada grupo humano se apresentar socialmente, diante de si e perante outros grupos, o que pode levar a um intercâmbio, resultante de um processo de comunicação visual, pois ao partilharem um mesmo código de apresentação social, podem influenciar-se mutuamente. Não havendo intercâmbio, cada grupo, determina o seu próprio arranjo, em função do seu código de referência. (LEITE, 2000, p. 232).

Para uma visualização mais detalhada dos sítios e de suas representações rupestres, foi determinada a divisão em painéis e a ordenação segundo a metodologia empregada nos trabalhos de conservação (da esquerda para direita, de cima para baixo). No sítio Lagoa de Cima foram delimitados painéis, que estão fixos no suporte rochoso e em blocos, contabilizando nove painéis. No sítio Lagoa de Cima 2 há apenas dois painéis e o Lagoa do Meio possui um painel. Após esta delimitação, foram realizados o levantamento fotográfico e as medições em cada um.

#### 4.1 Sítio Lagoa de Cima

- Primeiro Painel

Encontra-se em um bloco e é o local mais próximo da estrada carroçável que passa em frente ao sítio, distando dele apenas 8,10 m. O painel mede 4,10 m de comprimento e 2,50 m de altura, é composto de gravuras e pinturas vestigiais (Figura 13). As gravuras são cupules em sequências (Figura 14), algumas delas inacabadas. O que causou preocupação neste painel foram as gravuras que, no início do mesmo, estão bastante degradadas e algumas apagadas, devido ao fato de não estarem protegidas pelo abrigo e, por consequência, a água da chuva passa por cima dos registros, criando um ambiente favorável para a proliferação de fungos e musgos.



Figura 13 – Vista geral do painel 1. As setas indicam a localização das gravuras. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



Figura 14 – Cupules em sequência, alguns locais aparentando a não conclusão das sequências. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.

- Segundo Painel

A dimensão deste painel compreende 3,60 m de comprimento e 2,20 de altura. Há nele gravuras e pinturas (Figura 15). As gravuras são dos mesmos motivos encontrados no painel 1 e cupules em sequência medindo 5 cm de diâmetro, algumas inacabadas. As pinturas são em vermelho, majoritariamente em vermelho e amarelo. As representações registradas são não-figurativas, com a presença de zigue-zagues (interpretados pelos moradores da região como ondas, água da chuva) (Figura 16).



Figura 15 – Vista geral do painel 2. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



Figura 16 – Pintura em vermelho, não-figurativa. Sítio Lagoa de Cima.  
 Autor: Pablo Rogers A. Rodrigues, 2013.

- Terceiro Painel

É o mais extenso painel do sítio, com 10,31 m de comprimento. Por se encontrar em níveis diferentes, apresenta três alturas: 3,44 m, 3,27 m e 4,31 m (altura determinada pela pintura situada mais alta no painel). É composto por pinturas em vermelho, em amarelo, e branco e por gravuras (pegada de ave e marcas gestuais). Devido à eflorescência salina em estado avançado, a visualização das pinturas é dificultada. Algumas galerias de vespas e cupins sobrepostos às pinturas agravam ainda mais esta dificuldade. Em outra parte do painel é possível identificar algumas representações, uma não-figurativa, mereceu destaque nesta pesquisa devido à sua recorrência. Outra que se destacou foi um possível propulsor, também recorrente (Figuras 17, 18, 19 e 20).

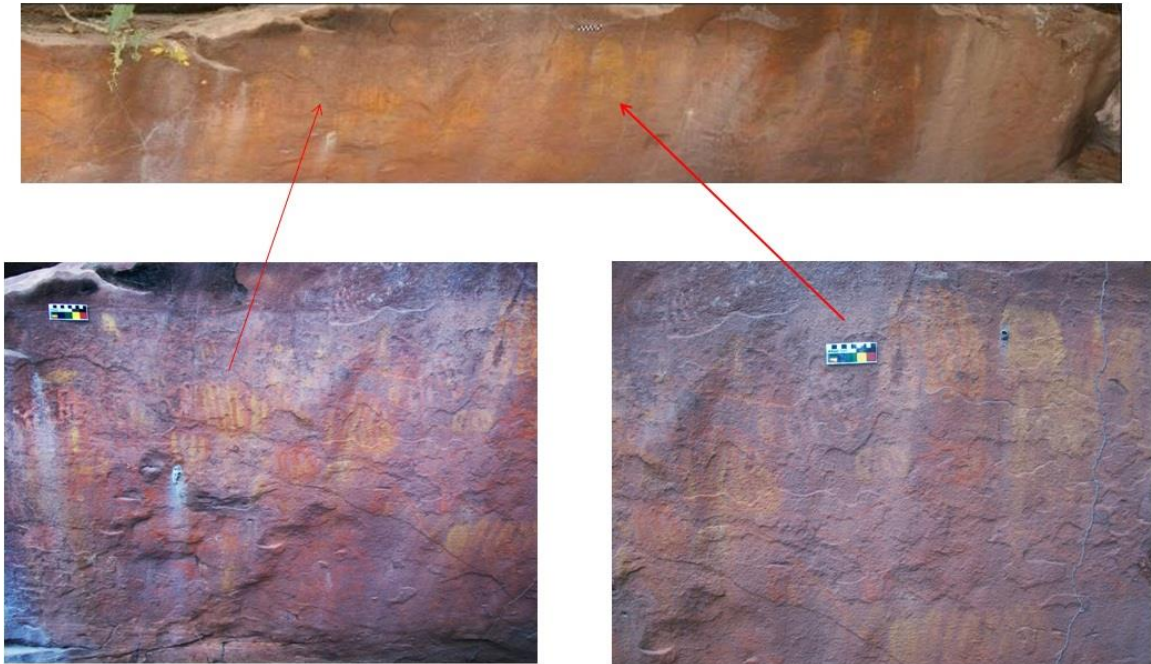


Figura 17 – Vista panorâmica do painel 3 com a localização das pinturas. As fotos de detalhe foram trabalhadas no Adobe Photoshop Cs3 para melhorar a visualização das pinturas. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.

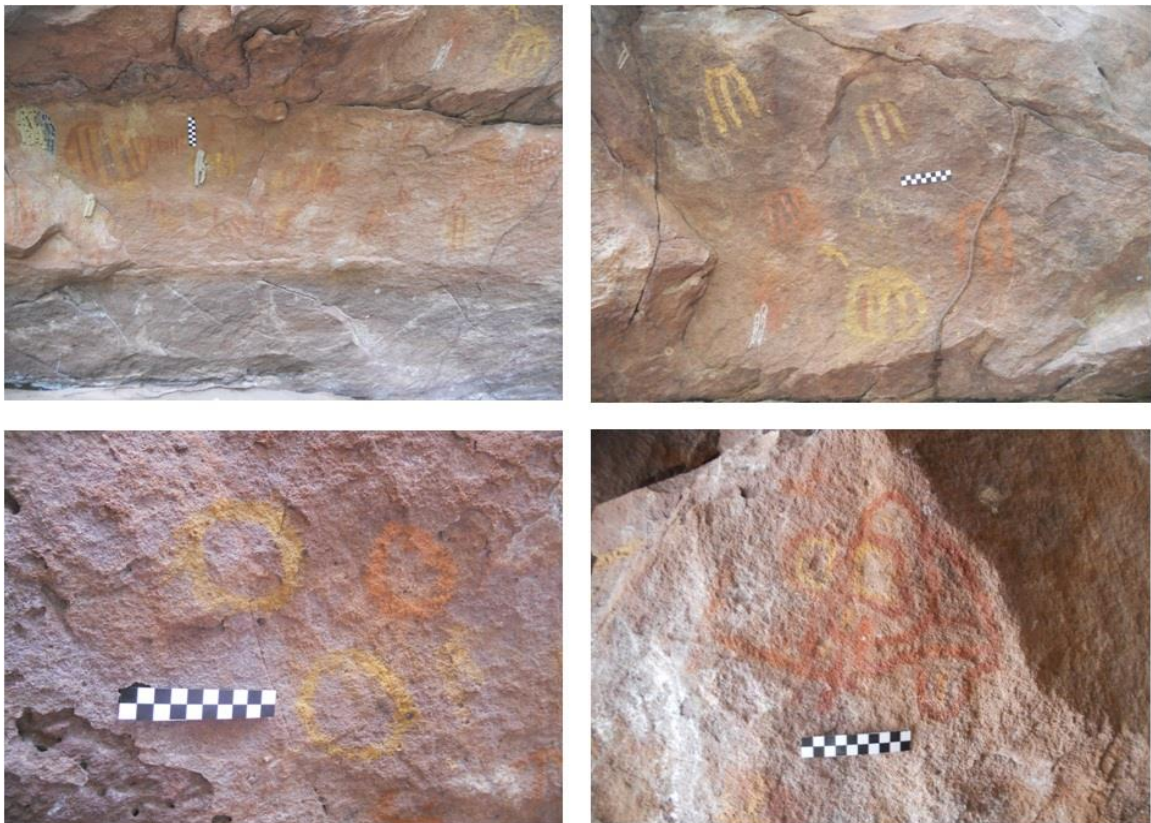


Figura 18 – Presença de várias cores (vermelho, amarelo e laranja) nas pinturas do painel 3. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



Figura 19 – Cupules pintadas possivelmente na cor branca, localizadas a 4 m de altura. Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.

A cor branca está ainda por confirmar, em virtude da possibilidade de ter sofrido mudança de cor no processo de tafonomia.



Figura 20 – Gravuras no painel 3 não-figurativas, pisadas de aves e marcas gestuais. Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



- Quarto Painel

Possui 5 m de comprimento e 3,45 m de altura, compreende pinturas e gravuras. Apresentou uma característica diferenciada: uma delimitação espacial entre as técnicas de confecção, percebidas da seguinte forma: a primeira parte do painel é formada por gravuras que apresentam todas as técnicas de confecção (Figura 21). Entre os motivos gravados estão pisadas de aves, cupules (Figura 22), sulcos e outros não-figurativos (Figura 23); a segunda parte contém gravuras pintadas e pinturas gravadas (Figura 24); a terceira parte é constituída por pinturas, realizadas em vermelho e amarelo, em estágio avançado de degradação.

Um ponto marcante observado neste painel é a utilização de falhas na rocha para a composição do motivo e, finalizando o painel, na parte de cima, uma pintura não-figurativa em vermelho-escuro e, na parte de baixo, uma pintura gravada e também a utilização de falha da rocha para a elaboração, de uma gravura, e, por fim, a sequência de cupules.

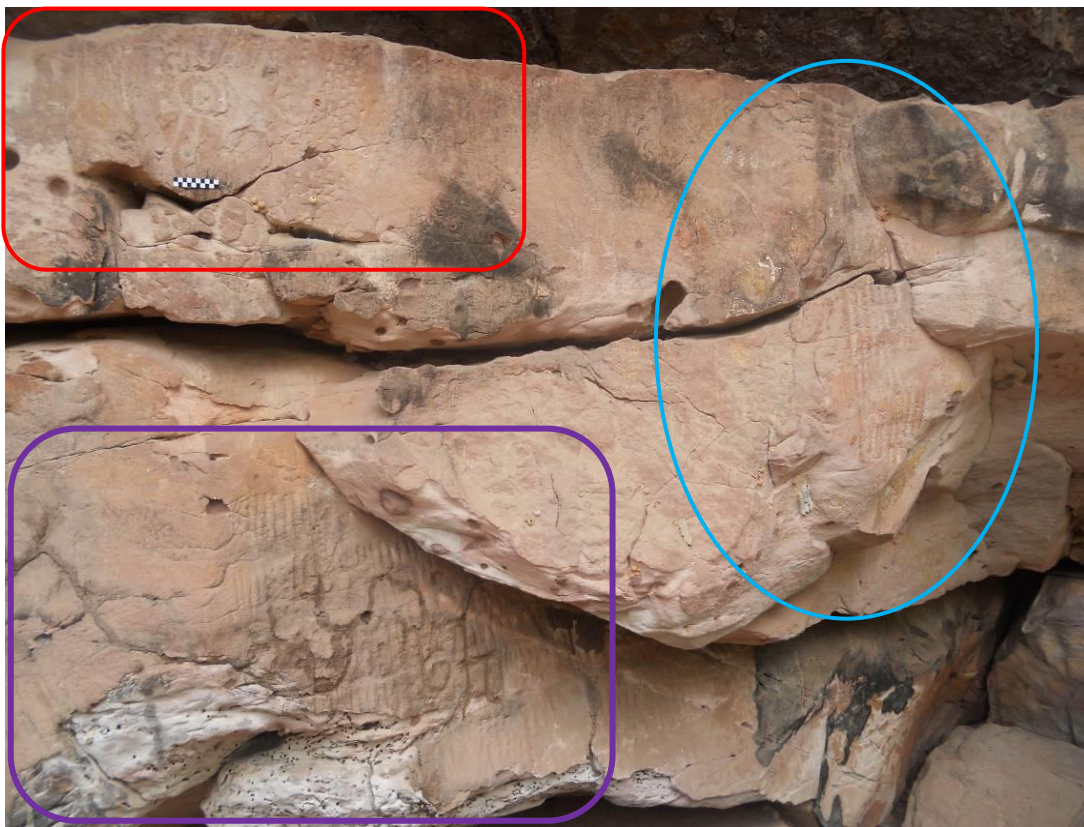


Figura 21 – Gravuras realizadas com diferentes técnicas; picoteamento (em vermelho); picoteamento e posteriormente raspagem (em roxo) e picoteamento e posterior polimento (em roxo) e picoteamento e raspagem com posterior colocação de pinturas e pinturas com posterior picoteamento (em azul). Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Pablo Roggers A. Rodrigues, 2013.



Figura 22 – Detalhe da primeira parte do painel 4 ilustrando a utilização de falhas da rocha para execução de gravuras.

Autor: Pablo Rogers A. Rodrigues, 2013.

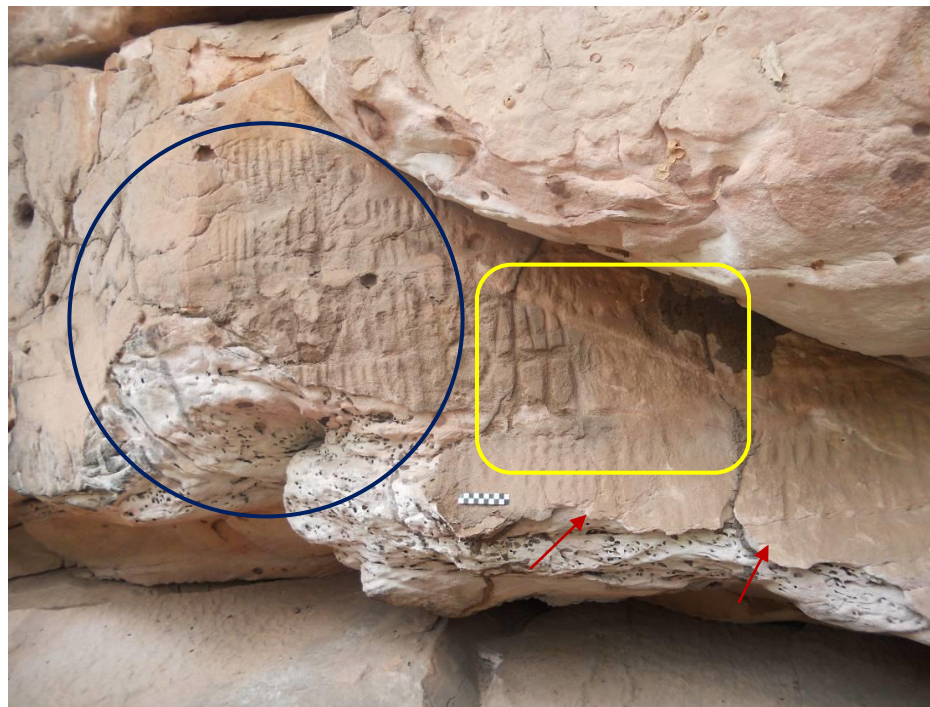


Figura 23 – Gravuras destacadas em azul são confeccionadas por picoteamento e por picoteamento e posterior raspagem. Em amarelo picoteamento com posterior polimento e as setas indicam as gravuras vestigiais. Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 24 – Gravuras, com posterior aplicação de pintura e pintura com posterior gravura por picoteamento no destaque em vermelho. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Quinto Painel

O bloco isolado que abriga o painel 5 é composto por gravuras em um grande número de recorrência de cupules, e apenas uma pintura, realizada em vermelho (Figura 25). Mede 5 m de altura e 2,5m de comprimento.

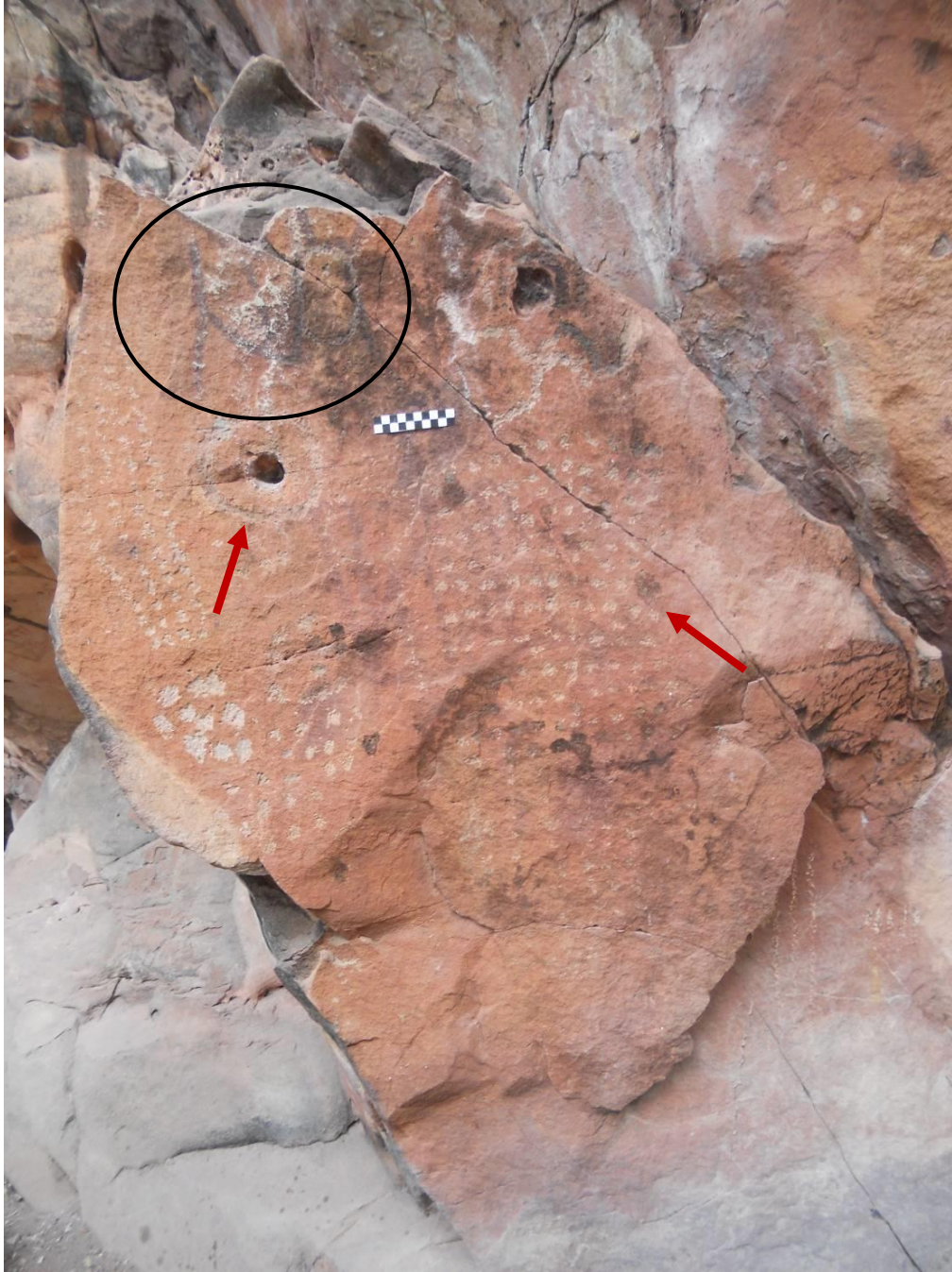


Figura 25 – Bloco com pintura e gravuras. A erosão da rocha foi utilizada para compor as representações e várias sequências de cúpules. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Sexto Painel

Mede 3 m de comprimento e 4 m de altura, formado por pinturas e gravuras. A pintura que mais chamou atenção foi uma espécie de “adorno” (Figura 26), como os moradores da localidade identificaram.



Figura 26 – Visão geral do painel 5. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

Há outras figuras, recorrentes no mesmo sítio, realizadas em vermelho e amarelo. Há a recorrência de cupules.

- Sétimo Painel

Infelizmente este painel, só possui pinturas vestigiais, devido sobreposição por eflorescência salina (Figura 27).



Figura 27– Pinturas vestigiais, encobertas por eflorescência salina. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Rodrigues, 2013.

- Oitavo Painel

Dista 5 m do sétimo painel e mede 14 m de comprimento e 2,80 de altura. Compreende pinturas em vermelho, amarelo, e em vermelho e amarelo (Figura 28), e pinturas vestigiais em branco (Figura 29), de motivos não-figurativos. O que chamou atenção foi a pintura que inicia o painel. Na primeira inspeção aparentou ser realizada na cor preta, mas, em análise posterior, percebeu-se uma mudança de cor, supostamente seria do vermelho-escuro para o preto.



Figura 28 - pinturas em vermelho, em amarelo e em preto. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 29 – Vestígios de pinturas em branco. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Nono Painel

Dista uns 25 m do sétimo painel. Neste intervalo não há nenhuma pintura ou gravura. É o local que apresenta maior fragilidade no sítio. O arenito do suporte é bastante friável, e já ocorreram grandes deslocamentos, o último dos quais em 1992, acarretando a quebra do painel com pinturas. A única pintura que não caiu, apresenta tons bem fortes de amarelo e vermelho (Figura 30). O bloco caído mede em torno de 1,60 x 2,00 m (Figura 31) e possui pinturas não-figurativas em vermelho (Figura 32). Há outras pinturas, mas, infelizmente, não foi possível visualizar com clareza.



Figura 30 – Única representação encontrada no painel 9, situada a mais de 4 m de altura. Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Rodrigues, 2013.





Figura 31 – Bloco deslocado, contendo pintura. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 32 – Pinturas embaixo do bloco deslocado, de difícil visualização. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

## Gravuras

Com relação às gravuras, percebeu-se duas técnicas de confecção: raspagem (Figuras 33, 34, 35 e 36) e picoteamento (Figuras 37, 38, 39 e 40). Em sua maioria os grafismos pintados e gravados apresentam temas não-figurativos. Os sulcos apresentam-se em altura não muito elevada. Quanto às cupules, foram encontradas em quase todos os painéis em grande quantidade, agrupadas. Em algumas percebe-se que a confecção não foi finalizada.

### Raspagem simples



Figura 33 – Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Magalhães 1986.



Figura 34 – Rasagem simples com aplicação de pintura, Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013

Rasagem com posterior polimento



Figura 35 – Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 36 - Raspagem com posterior polimento, Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

#### Picotagem simples



Figura 37 - Sequência de cupules. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 38 - Sequência de cupules. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

#### Picotagem com posterior raspagem

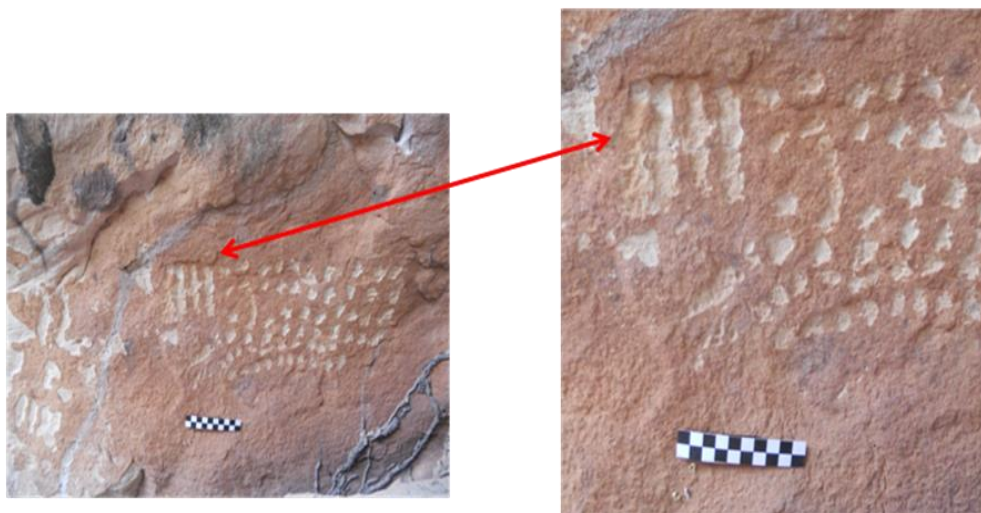


Figura 39 – Processo de produção de gravura iniciado com picotagem e posterior aplicação de raspagem, mas sem a finalização da produção. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

### Picotagem com posterior polimento



Figura 40 – Processo de produção de gravura iniciado por picoteamento e finalizado por polimento. Sítio Lagoa de Cima. Autor: Rodrigues, 2013.

### Pinturas

Nos painéis com pinturas foram identificadas as seguintes tonalidades (vermelho, vermelho-escuro, amarelo, laranja, preto) em tons variados (Figura 41).

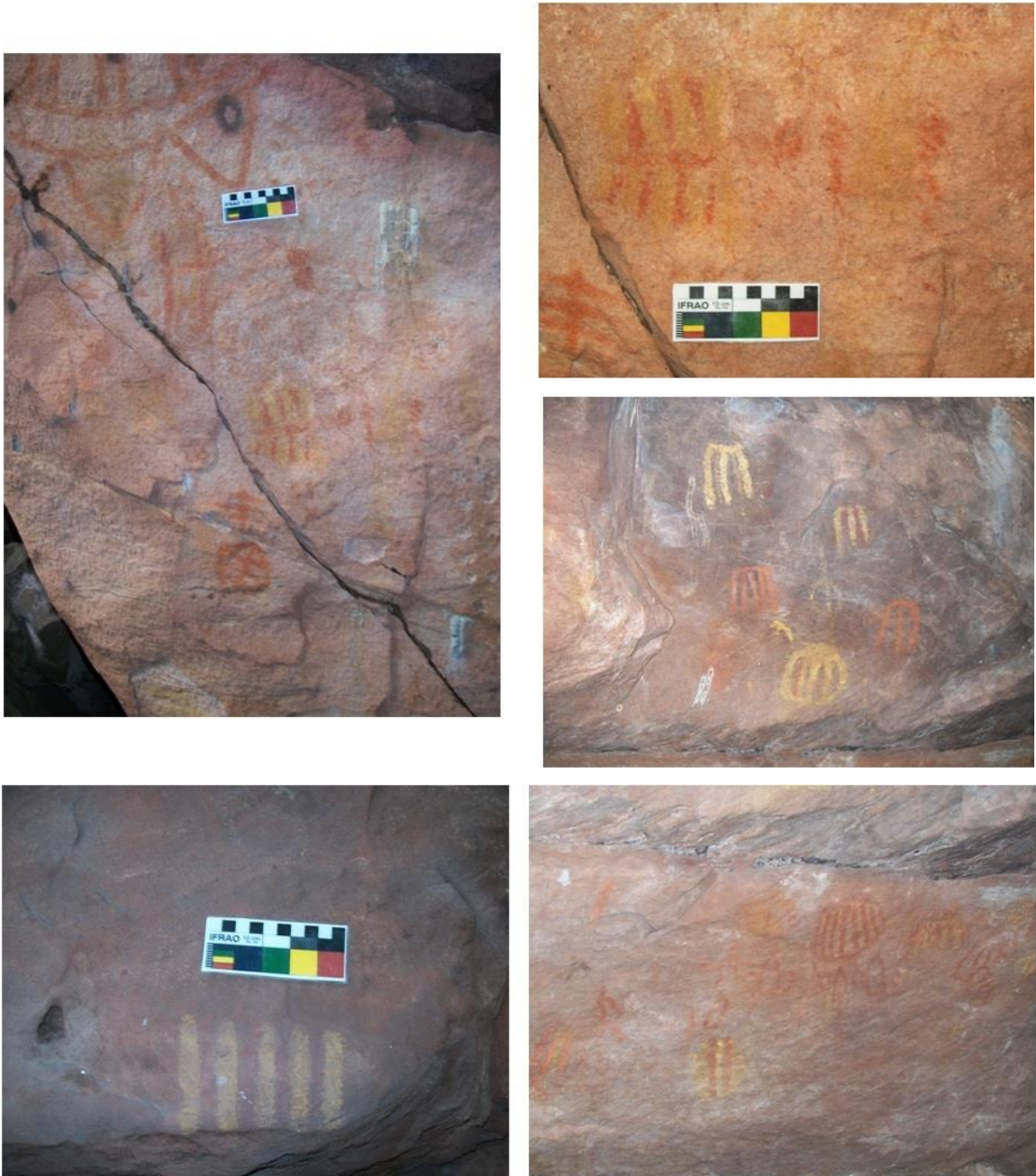


Figura 41 – Apresentação da temática característica da região estudada e policromia das pinturas. Sítio Lagoa de Cima.

Autor: Rodrigues, 2010.

### Gravuras pintadas/ pinturas gravuras

O diferencial encontrado neste sítio, a utilização das duas técnicas em um motivo, ou seja, foram gravados e posteriormente pintados e também a elaboração de pinturas gravadas. (figuras 42 e 43).



Figura 42 – Gravuras feitas pela técnica de picoteamento e posteriormente pintadas, em destaque. Sítio Lagoa de Cima.  
Fonte: SIQUEIRA, 2011.

### Pinturas que sofreram processo de picoteamento para elaboração de gravuras



Figura 43 – Pinturas posteriormente gravadas pela técnica de picoteamento, em destaque. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



## 4.2 Sítio Lagoa de Cima 2

### Primeiro painel

Mede aproximadamente 2,0 m de comprimento e 4,0 m de altura (Figura 44). Apresenta pinturas em amarelo, não-figurativas. A sua visualização é dificultada devido ao desgaste do suporte rochoso.



Figura 44 – Vista geral do painel 1. Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.

### Segundo Painel

Distancia-se aproximadamente uns 8 m do primeiro painel e apresenta uma diversidade de motivos e cores. Entre elas estão vermelho, amarelo, laranja, bicromia em um mesmo motivo (Figura 45) e uma sequência de cupules entre as pinturas (Figura 46). Mede aproximadamente, 30 m de comprimento e 15 m de altura. Um diferencial é a identificação de um zoomorfo (Figura 47), talvez representando um sáurio.

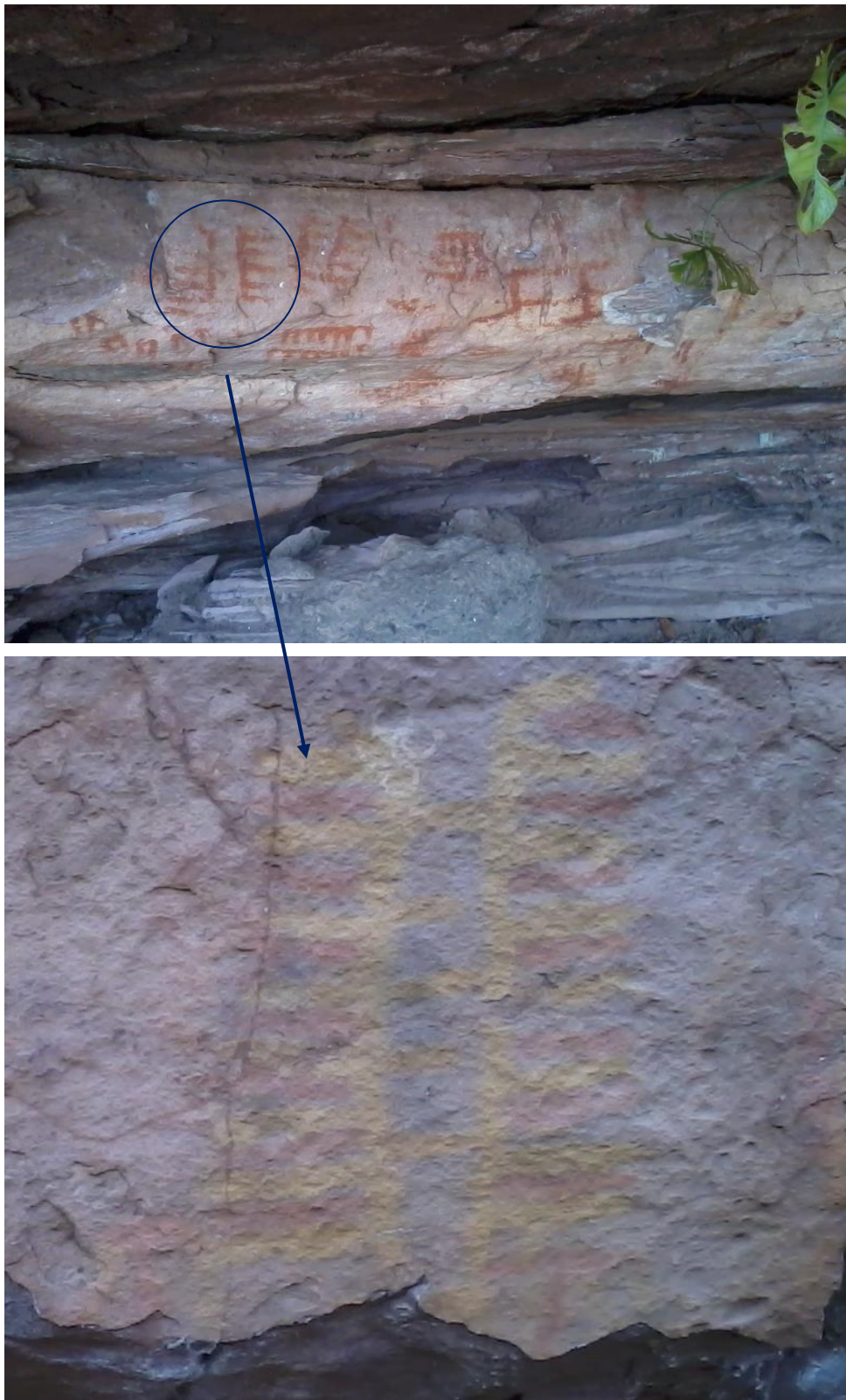


Figura 45 – Motivos que despertaram a atenção por serem uma representação comum na área em estudo (sinalizado em azul). Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 46 – Motivos encontrados no sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 47 – Zoomorfo, possivelmente um sáurio. Sítio Lagoa de Cima 2  
Autor: Rodrigues, 2013.

Conforme já reportado, nesse sítio há uma caverna que possui uma abertura de aproximadamente 10 m de comprimento, 15 m de altura e 20 m de profundidade. Há blocos caídos na sua entrada (Figura 48) que não foi evidenciada nenhuma pintura ou gravura rupestre, somente nas partes externas da caverna. Nela foram encontrados ossos humanos espalhados pela superfície, vários deles quebrados e alguns dispostos em cima de um bloco (Figura 49) os quais foram transportados por moradores da região, mas, quando estes perceberam que se tratava de humanos, resolveram deixar como estavam. Alguns dos ossos estavam queimados e aparentavam ser de um indivíduo adulto. Entre os ossos que permitiam identificação imediata estão: vértebra, maxilar (Figura 50), epífise, ulna, costela. Mais ossos foram observados nas extremidades do fundo da caverna, o que leva a crer que havia mais de um esqueleto no local.



Figura 48 – Medição da abertura da caverna sendo feita pelos moradores do entorno que encontraram os ossos e ajudaram no levantamento dos dados. Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Oliveira, 2013.



Figura 49 – Ossos em superfície. Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Oliveira, 2013.



Figura 50 – Maxilar. Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Oliveira, 2013.

### 4.3 Sítio Lagoa do Meio

Este sítio contém apenas gravuras figurativas e não-figurativas. Tem aproximadamente 2 m de comprimento por 3 m de altura. A vegetação muito densa dificultou o levantamento fotográfico dos motivos. Um fator que despertou interesse foi a recorrência de um motivo (pisada de ave) (Figura 51, 52 e 53) que aparece inclusive associado à vulva e a um serpentiforme.



Figura 51 – Recorrência do motivo que remete a uma pisada de ave. Sítio Lagoa do Meio.  
Autor: Rodrigues, 2010.



Figuras 52 e 53 – Na primeira foto, motivo serpentiforme associado a pisada de ave e gravuras não-figurativas e na segunda pisadas de aves. Sítio Lagoa do Meio.  
Autor: Rodrigues, 2010.

#### 4.4 – Recorrências e ocorrências das técnicas gráficas (pintura e gravura)

Os sítios Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio estão situados na localidade Palmeira de Baixo e o que chamou a atenção neles foi o grande número de recorrências (Figura 54), observadas tanto entre as gravuras quanto nas pinturas, fato que se repete inclusive em sítios arqueológicos de outros municípios vizinhos.

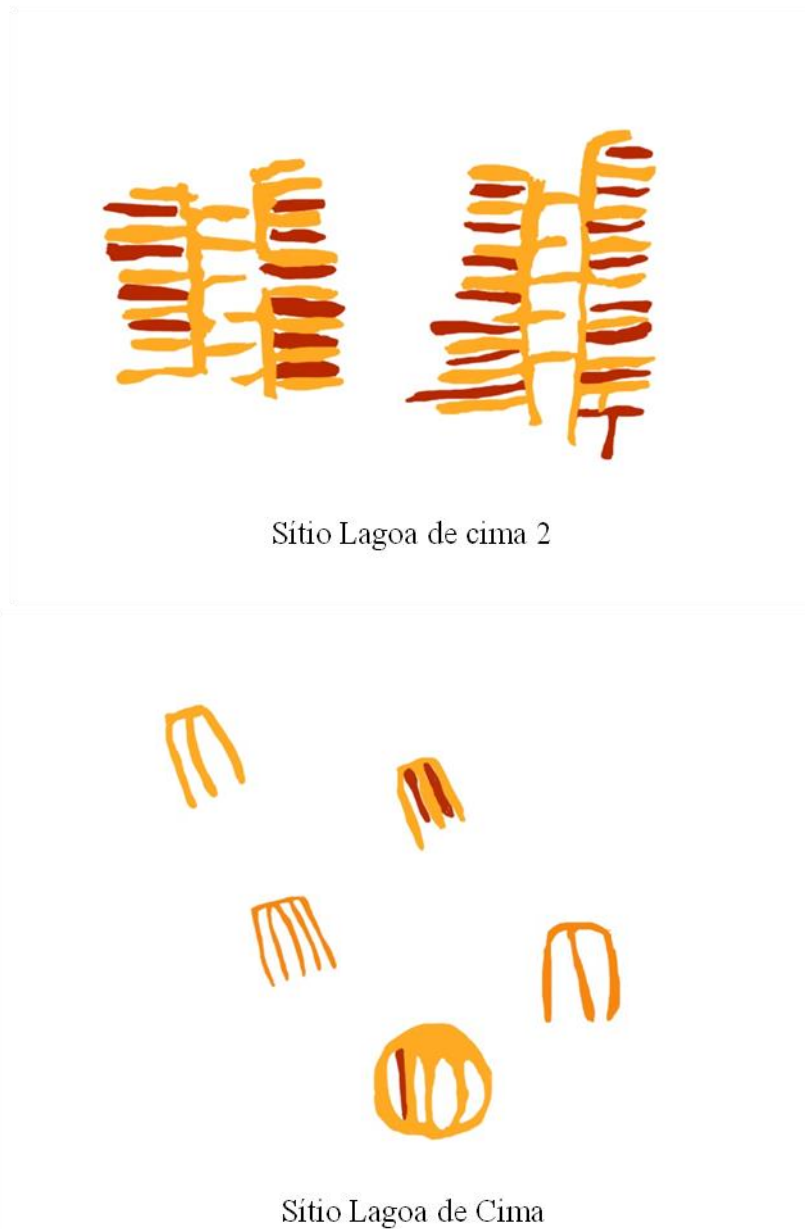


Figura 54 – Exemplos das representações encontradas como recorrência nos sítios em estudo.  
Autor: Okuyama, 2013.



As representações não-figurativas estão em maior número, se comparadas às figurativas (pisadas de aves, vulvas e serpentiforme). Algumas relações entre elas podem ser visualizadas também em sítios no Sudeste do Piauí (CORREIA, 2009). As que serão ilustradas a seguir despertaram uma atenção maior, pela quantidade e por serem produzidas nas duas técnicas (gravura e pintura).

### **A categorização das representações**

Como foi apresentado na metodologia, duas das pesquisadoras que se tomou como base nesta dissertação (COMERLATO, 2007 e CORREIA, 2009), utilizaram a categorização das representações como sendo uma forma mais prática de análise dos motivos e visualização das diversas formas em que são apresentados.

Neste trabalho, após o levantamento das ocorrências encontradas nos três sítios, elaborou-se uma tabela com estas categorias nomeadas da seguinte forma, Tipo A: Cupules e Sulcos, Tipo B: Não-figurativos, Tipo C: Vulvas, Tipo D: Linhas retas, Tipo E: Linhas curvas, Tipo F: Pegadas de aves, Tipo G: Circunferências, Tipo H: Figurativos, Tipo I: Ziguezague e Tipo J: Representação de animais (Tabela).

- **Cupules e Sulcos**

O Sítio Lagoa de Cima é o mais completo em relação às temáticas e técnicas empregadas para a produção das pinturas e gravuras. Quando se trata de cupules e sulcos, é o que apresenta maior número de recorrências e associações entre esses motivos.

As cupules “são circulares geralmente rasas, encontram-se nas partes horizontais dos painéis, em afloramento e também localizadas nas paredes e em superfícies inclinadas” (CORREIA, 2009, p. 128). Elas foram identificadas em 90% dos painéis analisados, em diversos tamanhos e profundidades. Em alguns conjuntos havia mais de 20 unidades e em outros, percebeu-se a não conclusão dos agrupamentos (Figura 55).

Os sulcos são uma espécie de ranhuras alongadas distintamente que parece ter sido desgastada. Eles têm aproximadamente mesmo comprimento e igual espaçamento. É raro encontrá-los isolados, eles ocorrem preferencialmente em grupos formando um conjunto impressionante em linhas, em pares e também de forma aleatória no painel ao lado de outras marcas e em certas

figuras: pisadas de aves, antropomorfo fêmea e vulvas. As seqüências paralelas são predominantemente localizadas em posições abrigadas, visíveis nas bordas dos blocos ou partes inferiores das paredes dos abrigos provavelmente porque esses lugares oferecem uma menor exigência na produção. (CORREIA, 2009, p. 135 e 136).

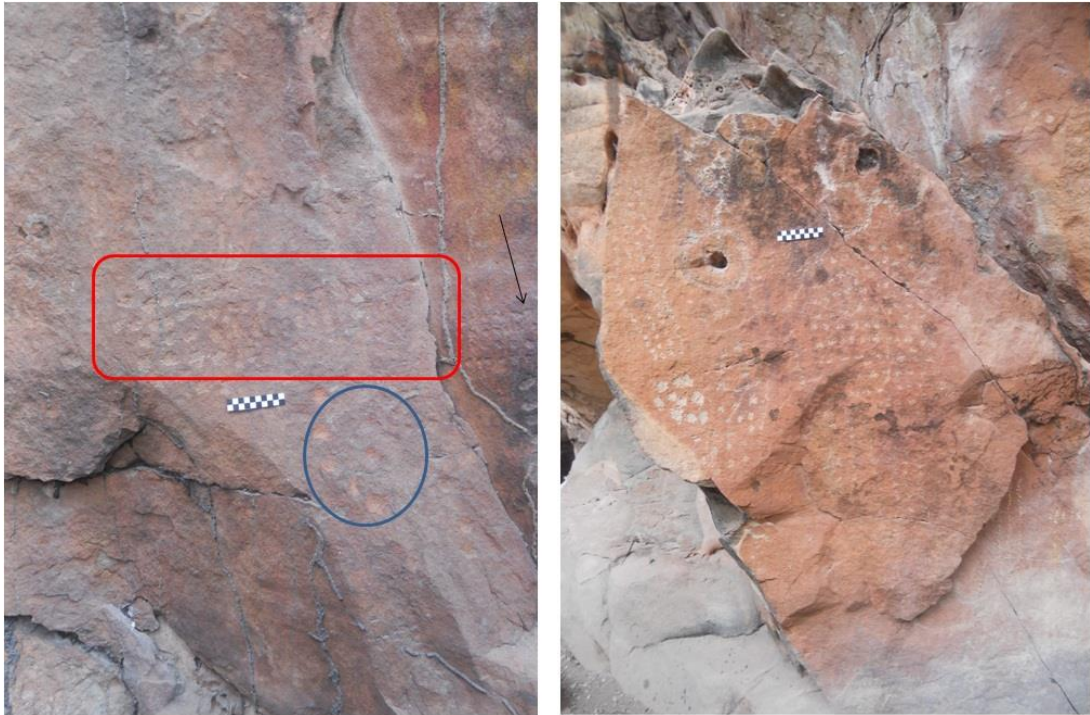


Figura 55 – Agrupamento de cupules. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

Eles foram identificados nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa do Meio, agrupados e, assim como as cupules, em diversos tamanhos e profundidades, inclusive pintados em vermelho e amarelo (Figura 56).



Figura 56 – Sulcos agrupados. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Zigue-zague ou água da chuva; ondas (interpretação dos moradores).

Foram encontrados apenas no sítio Lagoa de Cima, em vermelho e policromia (vermelho e amarelo) (Figura 57).

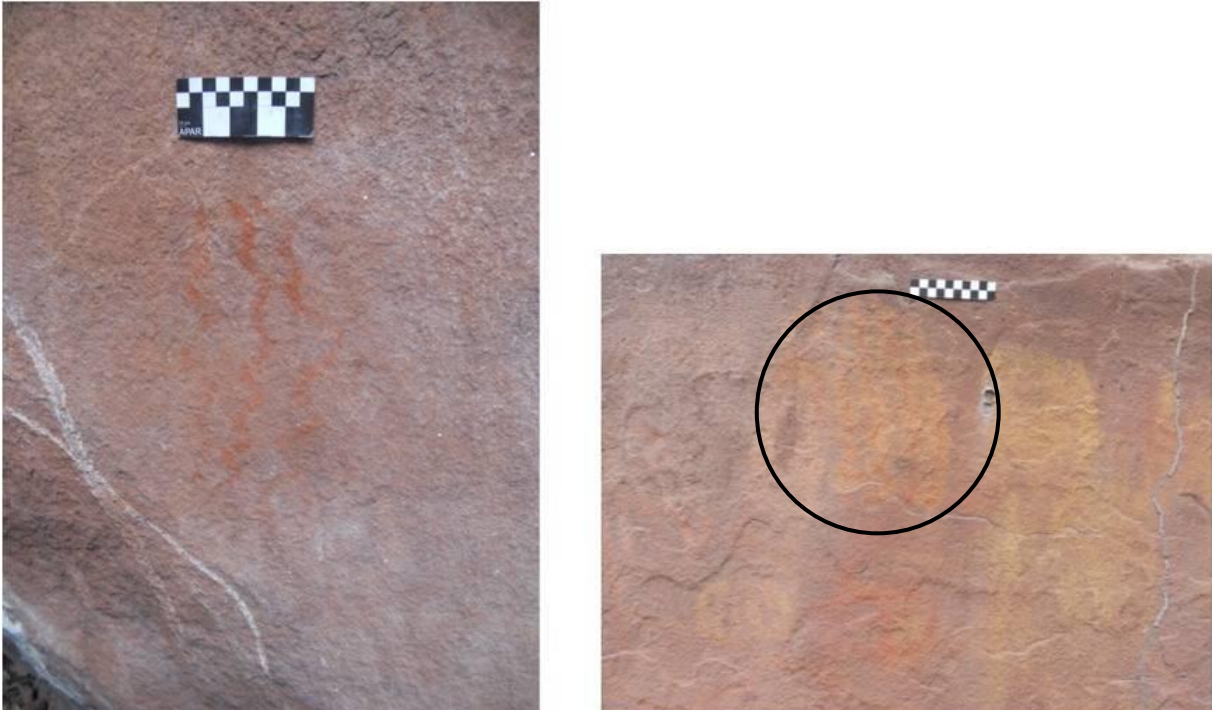


Figura 57 – Pinturas figurativas em forma de zigue-zague. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Círculos compostos por traços paralelos em vermelho e bicromia (vermelho/amarelo).

Encontrados em praticamente todos os painéis no sítio Lagoa de Cima em diferentes disposições entre elas, em vermelho, amarelo e vermelho, amarelo, vermelho e amarelo. É perceptível em alguns motivos a não conclusão da pintura (Figura 58).



Figura 58 – Motivo recorrente. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Traços isolados em vermelho

Identificados somente no sítio Lagoa de Cima, o que despertou a atenção foi a sua localização, apenas nas partes mais altas do suporte rochoso. Apenas um traçado em vermelho, em um deles a coloração tão intensa que se não observado com mais atenção, aparenta ter sido elaborado com tinta óleo (Figura 59).



Figura 59 – Traços isolados no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Vulvas

São identificadas nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa do Meio. Todas estão próximas de sulcos e cupules e uma delas associada a representações interpretadas como, pisada de ave e uma serpenteforme (Figura 60).

[...] As representações de seres humanos são muitas vezes resumidos a partes do corpo sozinho. A forma feminina é representada por uma apresentação naturalista da vulva, a mais ou menos estilizado triangular, oval ou em forma retangular com uma incisão vertical curta que indica o triângulo sexual [...]. (CORREIA, 2009, p. 193).



Figura 60 – Recorrência de vulvas nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa do Meio.  
Fonte: SIQUEIRA, 2011.

Correia segue a linha que a representação da parte sexual feminina, além de representar feminilidade, também estava relacionada a fertilidade. A vulva associada com uma cobra (serpenteforme) está relacionada, de acordo com Correia (2009), diretamente com a conotação sexual (Figuras 61 e 62).

[...] Para além de ser um símbolo sexual, este réptil tem outros significados, um símbolo de poder em relação a chuvas e enchentes destruidoras. Ao contrário do que a interpretação ocidental da serpente como símbolo do “mal”, a sucuri é um ícone do rejuvenescimento e auto-generatividade, em parte por causa de sua capacidade de tirar a sua pele e substituí-la por uma nova [...]. (HILL, 1988, p. 17, *apud* CORREIA, 2009, p. 199).



Figura 61 – Painel de gravuras no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.



Figura 62 – Reprodução do painel do sítio Lagoa de Cima, onde foi possível a visualização de algumas gravuras que não puderam ser identificadas pela fotografia.  
Autor: Okuyama, 2014.

- Motivos que remetem ao algarismo romano I

Identificados nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2, estes motivos que remetem os símbolos que indicam os números do algarismo romano, “I” e “II” (Figura 63).

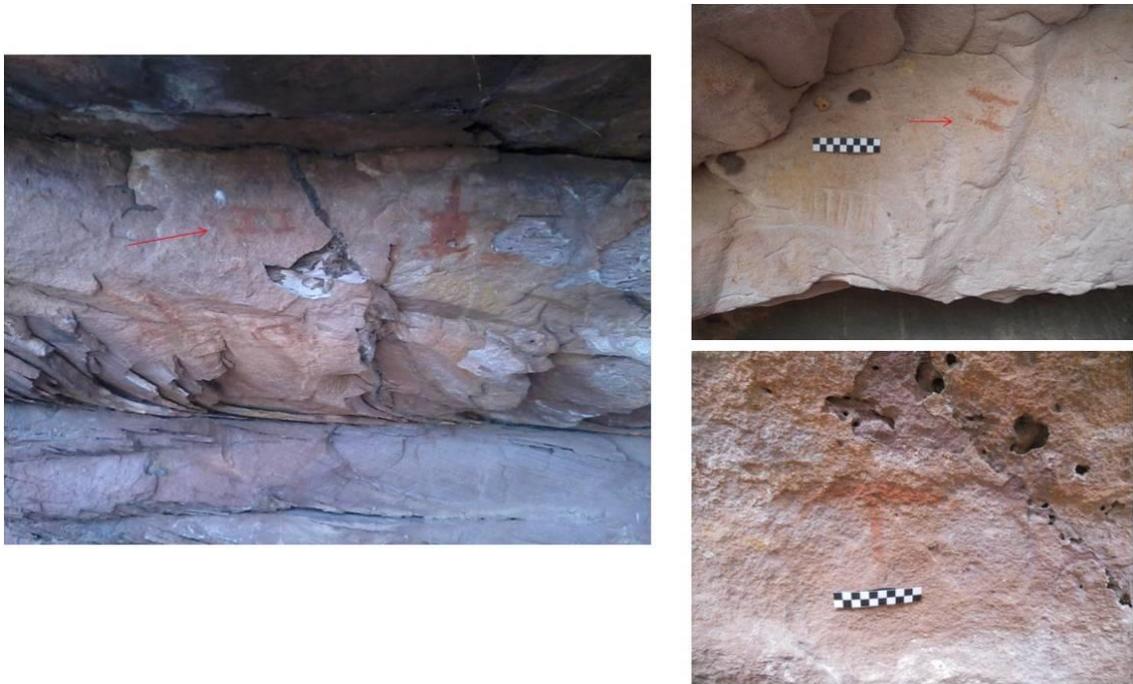


Figura 63 – Motivo recorrente nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Possíveis representações de propulsores de dardos

Um motivo que chamou atenção foi este encontrado no sítio Lagoa de Cima, uma circunferência cortada verticalmente por um traço (Figura 64), sugerindo uma associação à representação de um instrumento de caça (o propulsor). Por não possuir todas as características que confirmariam a sua significação, surgiram algumas dúvidas a respeito da identificação. Para evitar maiores discussões, nesta pesquisa foi enquadrada na categoria de circunferência.



Figura 64 – Possibilidade de representação de propulsores no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Motivos não-figurativos em bicromia

Identificados nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2, algumas formas despertaram atenção por não serem comuns em outros sítios das proximidades (Figura 65 e 66).

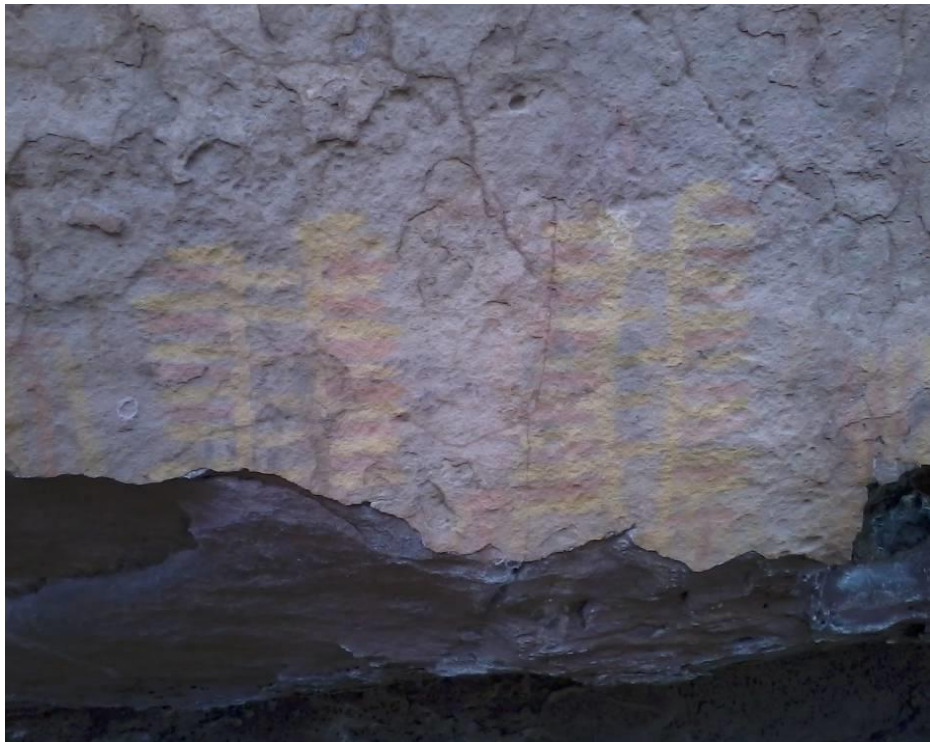


Figura 65 – Motivos não-figurativos em vermelho e amarelo no sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.





Figura 66 – motivos identificados nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2.  
Autor: Rodrigues, 2013.

- Motivos não-figurativos, em vermelho, amarelo e em bicromia

No sítio Lagoa de Cima encontraram-se várias formas desta representação rupestre, algumas isoladas e associadas a outras não-figurativas (Figura 67).

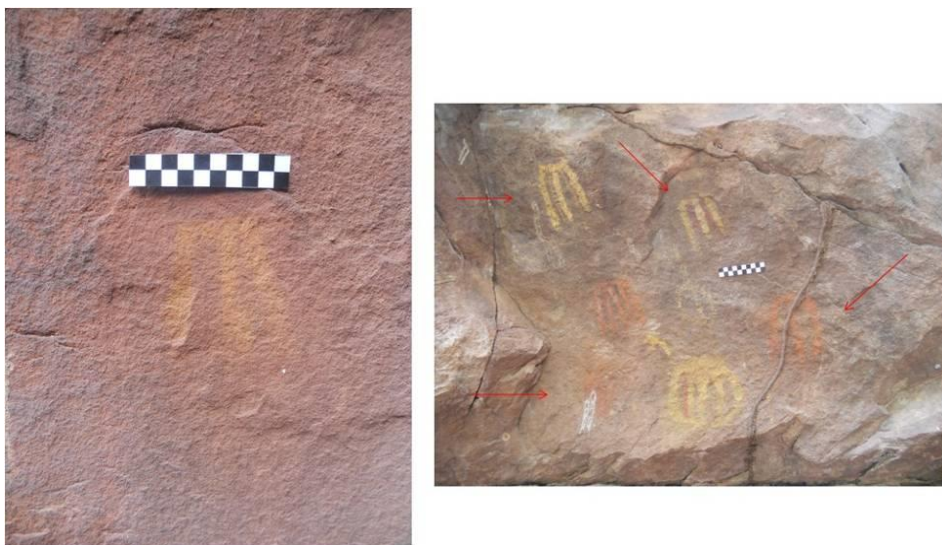





















Figura 67 – Representações não-figurativas em recorrência no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

<b>Representações identificadas nos sítios Lagoa de Cima, Lagoa de Cima 2 e Lagoa do Meio.</b>	
<b>Tipo: Cupules e Sulcos</b>	<b>Descrição</b>
	Ranhuradas alongadas distintamente que parecem ter sido desgastadas. (CORREIA, 2009, p. 135).
	Linhas (sulcos) gravadas, agrupadas paralelamente.
	Pontos (cupules), alinhados, formando linhas paralelas.
<b>Não-figurativos</b>	
	Formados por duas linhas paralelas verticais, com várias horizontalmente em vermelho e amarelo e em seu centro formado somente por amarelas horizontais.
	Duas retas verticais, com pequenas retas horizontais na mesma direção, formando um ângulo de 90°.
	Duas retas verticais, com pequenas retas horizontais em sentidos contrários, formando um ângulo de 90°.

	<p>Duas retas horizontais com pequenas retas na parte inferior verticalmente.</p>
	<p>Linhas retas verticais, horizontais, aparentando a não finalização do motivo.</p>
	<p>Reta horizontal, com três retas verticais formando um ângulo de 90°.</p>
	<p>Idem; Acrescentando o preenchimento de duas retas em vermelho.</p>
<p><b>Vulvas</b></p>	
	<p>Órgão sexual feminino estilizado com a forma oval.</p>
	<p>Idem.</p>

	<p>Idem; Acrescentando a pintura em vermelho e amarelo após a confecção da gravura.</p>
<p><b>Linhas retas</b></p>	
	<p>Linha reta</p>
	<p>Linhas retas agrupadas em paralelo verticalmente.</p>
	<p>Linhas retas horizontais em paralelo.</p>
<p><b>Linhas curvas</b></p>	
	<p>Linhas curvas gravadas em paralelo.</p>
<p><b>Pegadas de aves</b></p>	
	<p>Pegada de aves, também conhecida por tridígito</p>

	Idem.
<b>Circunferência</b>	
	Circunferência com reta horizontal no meio.
	Circunferência com uma reta vertical no meio que remete ao propulsor de dardos.
	Circunferência com retas paralelas verticais no seu interior.
	Idem; Acrescentando apenas retas verticais em amarelo.
	Idem; Acrescentando apenas uma reta vertical em vermelho.
	Circunferência.







	<p>Duas circunferências de forma irregular, agrupadas.</p>
<b>Figurativos</b>	
	<p>Traço vertical com duas retas nas extremidades remetendo ao algarismo romano I.</p>
	<p>Idem.</p>
<b>Zigue-Zague</b>	
	<p>Série de linhas que formam alternadamente entre si ângulos reentrantes e salientes.</p>
	<p>Idem; acrescentando, o contorno em amarelo.</p>
<b>Representação de animais</b>	
	<p>Sáurio (Lagarto sem rabo?), longitudinalmente sem a parte terminal (COMERLATO, 2007, p. 23).</p>

Tabela – Categorização das representações rupestres.  
Autores: Siqueira e Okuyama, 2014.

#### 4.5 – Visibilidade

Atualmente, os três sítios possuem baixa visibilidade devido à vegetação que os cerca, com exceção da caverna encontrada no Sítio Lagoa de Cima 2, já que, de dentro dela, há uma possibilidade de extensão da visualização do entorno, provavelmente detectada pelos indivíduos que dela fizeram uso. Apesar de muito densa, a vegetação não chega a atingir os painéis que possuem pinturas e gravuras.

No sítio Lagoa de Cima, apesar de haver uma estrada carroçável a uns 8 m de distância, é impossível a visualização dos motivos desta lonjura (Figura 68).

O sítio Lagoa de Cima 2 não possui vias de passagem nas proximidades e a vegetação é mais escassa perto dos painéis, mas, mesmo de uma distância considerável, cerca de 10 m não é possível a sua visualização. Quanto à caverna, é possível sim a visualização, à longa distância, mesmo havendo árvores com mais de 8 m de altura na frente ao sítio (Figura 69).

No sítio Lagoa do Meio é possível ver o suporte rochoso a uma distância de aproximadamente 20 m, mas, quanto às gravuras, não há possibilidade destas serem visualizadas, devido a vegetação densa a frente do painel (Figura 70).



Figura 68 – Vista geral da vegetação em frente ao Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Amanda Caroline C. de Siqueira, 2013.



Figura 69 – Vista externa e interna da área abrigada do Sítio Lagoa de Cima 2.  
Autor: Oliveira, 2013.



Figura 70 – Vista do sítio Lagoa do Meio encoberto pela vegetação.  
Autor: Rodrigues, 2010.



#### 4.6 – Estado de conservação

Em relação ao processo de degradação dos sítios por ser de arenito fino, o suporte rochoso se torna a principal causa do acelerado processo de deterioração em que se encontram. Somam-se a este fator o longo tempo de exposição à ação do vento e da chuva, além da amplitude térmica diária, que acabam por provocar o aparecimento de rachaduras estruturais (Figura 71), eflorescências salinas (Figura 72) e o consequente deslocamento dos painéis que contêm as pinturas e gravuras. Há também marcas de passagem d'água (Figura 73), proliferação de microrganismos, plantas grimpantes (Figura 74), galerias de insetos construtores (Figura 75), como vespas (*hymenoptera insecta*) e cupim (térmita). Tais depósitos, em geral, recobrem os painéis.

As gravuras apresentam um maior grau de degradação devido a sua localização, onde o suporte rochoso apresenta uma aparência mais friável, e naqueles lugares em que, em épocas de chuvas os grafismos são atingidos pelo escoamento d'água. Por ser um local que possui grande importância arqueológica, torna-se necessária dar uma atenção especial aos trabalhos de conservação dos painéis, a fim de desacelerar o estágio avançado de destruição em que se encontram os grafismos.

Quanto ao vandalismo, o que mais surpreendeu nestes sítios foi que, mesmo estando próximos das casas, não há problemas neste sentido. Mas, infelizmente, na tentativa de retirar abelhas do sítio Lagoa de Cima, por desinformação, os moradores utilizaram óleo queimado, cimento e barro para bloquear a saída dos animais das colmeias (Figura 76), porém sem sucesso. Ocorreu o escoamento do óleo por cima de uma pintura. Durante a realização da pesquisa aconselhou-se aos visitantes (moradores) a retirada do instrumento que continha o óleo e que não houvesse mais a colocação de cimento no substrato rochoso do sítio arqueológico.

Dessa forma, incisivamente, apenas o especialista em conservação de arte rupestre está apto a fazer o diagnóstico, propor e efetuar intervenções, mediante a natureza complexa que envolve o trabalho de conservação, de sorte que, quanto mais completa for a análise, mais bem sucedida será a intervenção e preservação dos registros rupestres.

### Deslocamentos (rachaduras estruturais)

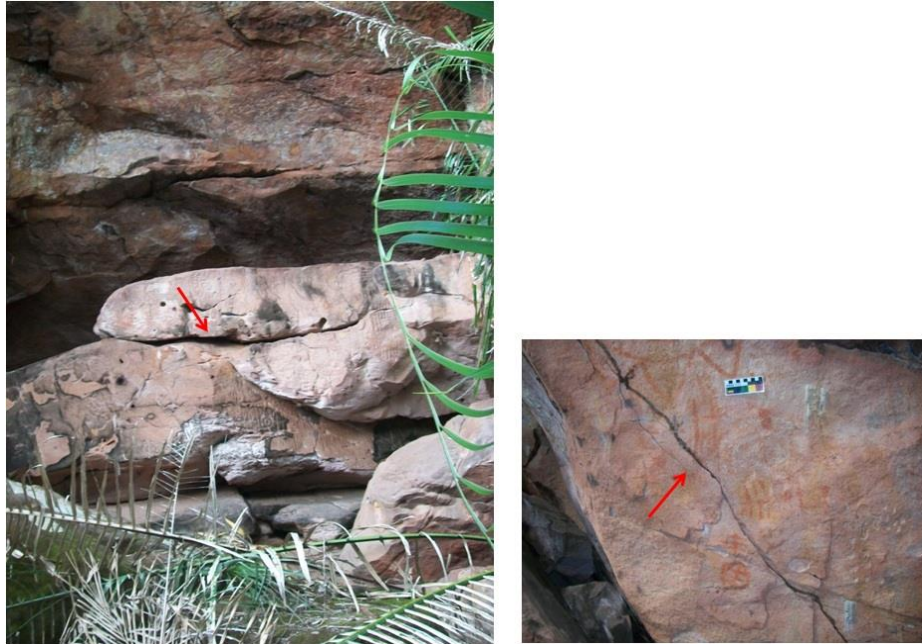


Figura 71 – Rachaduras estruturais e deslocamentos encontrados no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2010.

### Eflorescência salina

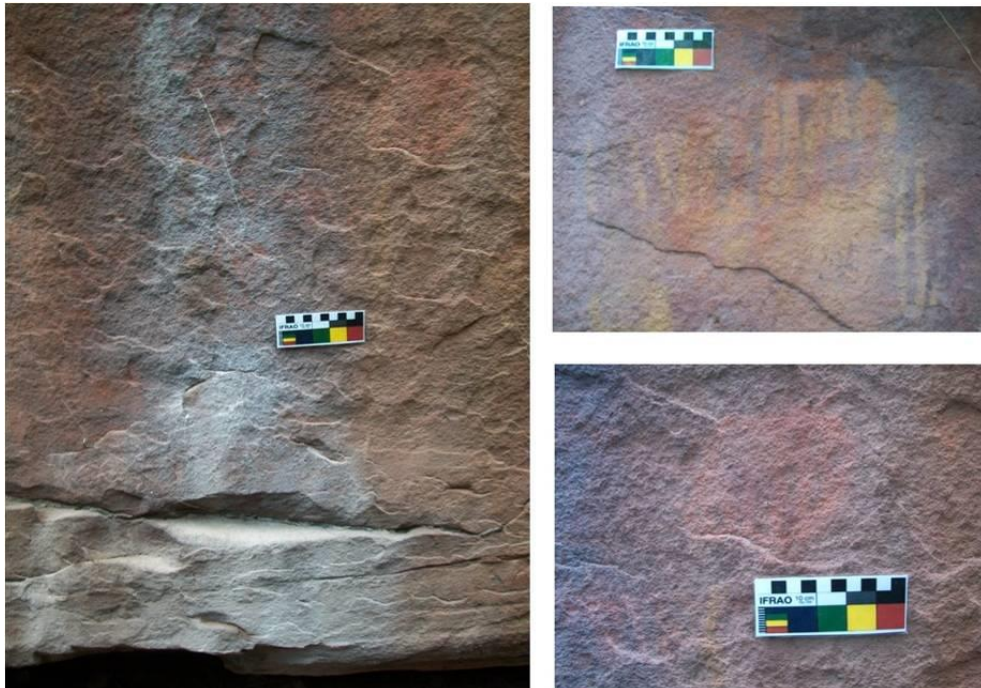


Figura 72 – Exemplos de eflorescência salina encontrada no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2010.

### Escorrimento de água

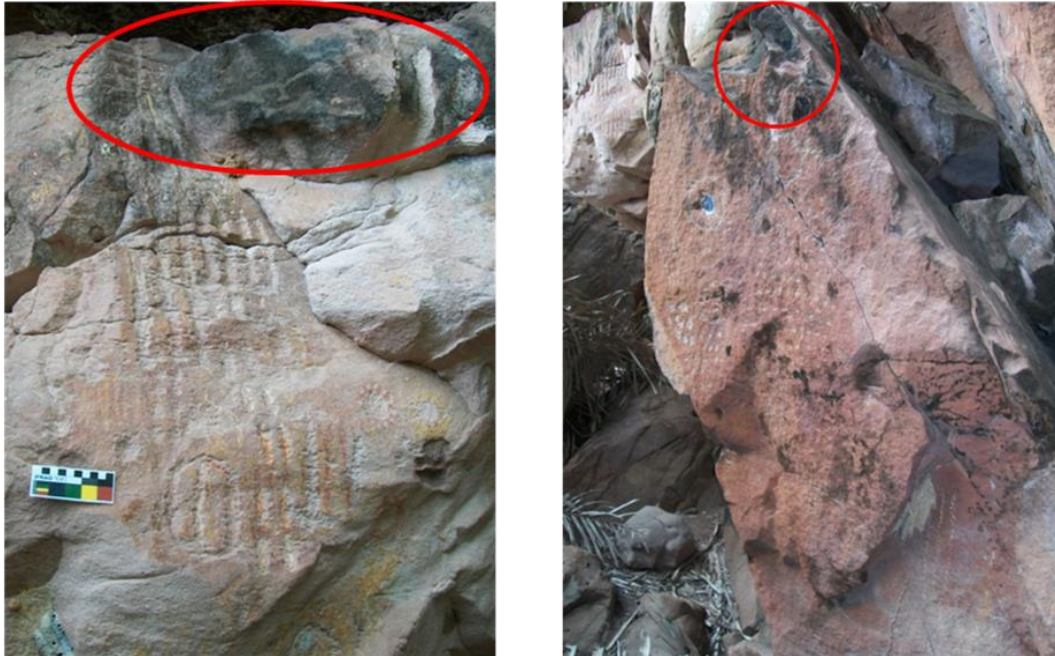


Figura 73 – Escorrimentos de água encontrados em diferentes painéis no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2010.

### Plantas Grimpantes



Figura 74 – Plantas grimpantes encontradas em painéis no sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2010.

## Galerias de insetos

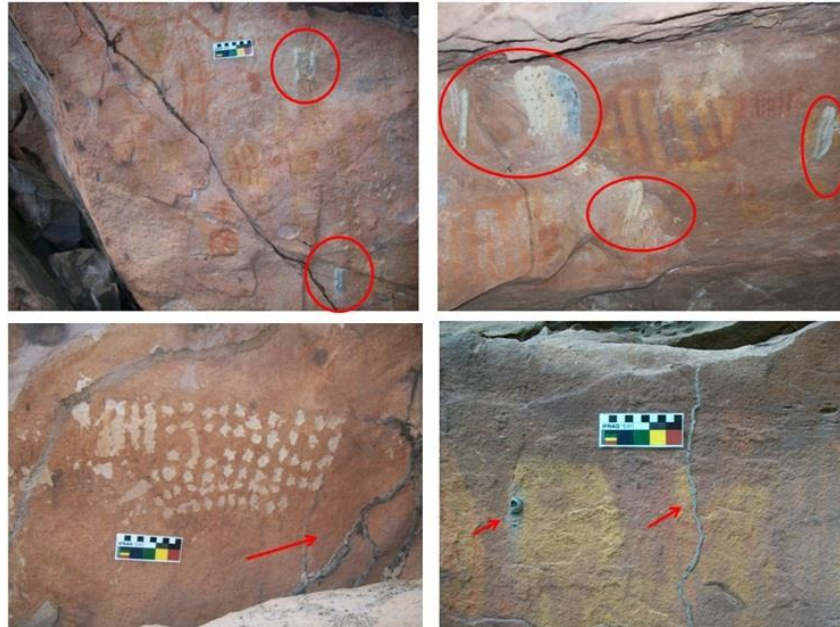


Figura 75 – Galerias de insetos encontradas no sítio Lagoa de Cima, entre eles, insetos construtores.  
Autor: Rodrigues, 2010.

## Utilização do óleo queimado e cimento para obstrução das colmeias

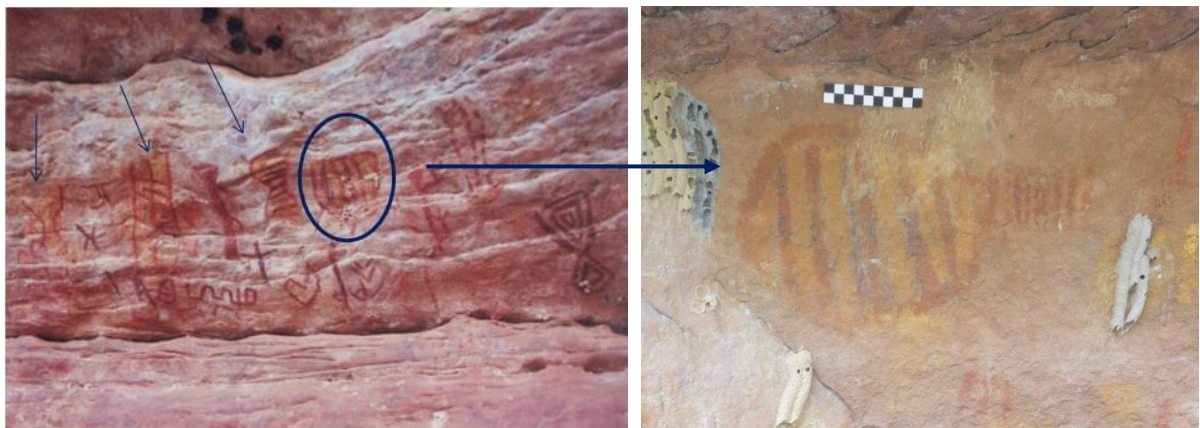


Figura 76 – Em vermelho, escorrimento de óleo queimado; em amarelo cimento; e em laranja, o cimento por cima de pinturas. Sítio Lagoa de Cima.  
Autor: Rodrigues, 2013.

#### 4.4 - Bicromia e temática recorrentes em sítios de municípios próximos a São Miguel do Tapuio

Um fator que se destacou nesta pesquisa, foi a recorrência da bicromia e gravuras em número significativo em comparação a outras regiões do estado. A temática apresentou grande semelhança com a existente em sítios de municípios vizinhos a São Miguel do Tapuio como Castelo do Piauí e Juazeiro do Piauí.

Em Castelo do Piauí foram observados basicamente dois fatores: o uso das cores vermelha e amarela e a presença de um motivo específico (circunferência com linhas internas) com a mesma distribuição de cores (Figuras 77 e 78).



Figuras 77 e 78 – Representações similares nos sítios Letreiro do Ninho do Urubu, em Castelo do Piauí, e Lagoa de Cima, em São Miguel do Tapuio, respectivamente. Autores: Magalhães, 1986 e Rodrigues, 2013.

Em Juazeiro do Piauí os mesmos motivos que foram realizados pela técnica da pintura em São Miguel do Tapuio, foram elaborados em gravura (Figuras 79 e 80) e há também a recorrência de temática entre as gravuras de ambos (figuras 81 e 82). Isso pode implicar em uma exploração do mesmo grupo pela região circunvizinha ou na difusão do conhecimento sobre os diversos pigmentos disponíveis para a realização de pinturas rupestres.

É prematuro afirmar que era o mesmo grupo ou difusão, devido as pesquisas estarem se aprofundando nestes últimos anos, cabe aos trabalhos futuros reunirem as informações já apresentadas e continuarem no intuito de confirmar ou não tais suposições.



Figuras 79 e 80 – Recorrência de motivo entre os municípios de Juazeiro do Piauí e São Miguel do Tapuio.

Autores: TROPEN e Rodrigues, 2013.



Figuras 81 e 82 – Recorrência de motivos entre os municípios de Juazeiro do Piauí e São Miguel do Tapuio, confeccionados por diferentes técnicas.

Autores: TROPEN e Rodrigues, 2013.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após findar o presente estudo é importante ressaltar o quanto foi produtivo o uso da metodologia, ou seja, não simplesmente caracterizar as representações rupestres para enquadrá-las em uma das tradições existentes, mais observar as recorrências, associações e a relação com o ambiente.

Foi possível elucidar os problemas levantados neste trabalho com relação à dúvida sobre a correlação entre as técnicas de pintura e gravura identificadas nos sítios e se era possível associar a autoria dos registros a uma mesma unidade cultural. Diante dos resultados encontrados pode-se afirmar que, os motivos apresentaram numerosas similaridades mostradas no capítulo quatro, demonstrando, sim, uma simultaneidade nas produções, principalmente entre as gravuras pintadas e as pinturas gravadas, um ineditismo no Estado a produção de uma representação que foi primeiramente pintada e depois finalizada com gravura. Entre estas, o que se destacou, foi à presença de gravuras e pinturas apresentando o mesmo tema.

Com relação às figurações observou-se que se destacaram as representações não-figurativas. É recorrente a correlação entre as vulvas com as pisadas de aves, sulcos, cupules e serpentiforme. Esta temática trabalhada por Correia em sua tese (2009), em sítios da região sudeste do Estado do Piauí, estão relacionadas à fertilidade, o que poderia também ser sugerido o mesmo para os sítios estudados na região centro-norte.

A policromia, outro fator destacado nos sítios em estudo, bem característico da região, principalmente nos municípios de Castelo do Piauí e em São Miguel do Tapuio está em sua maioria composta por representações não-figurativas. O que despertou atenção em alguns motivos nos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2, foi a não conclusão de algumas pinturas e gravuras. Entre as pinturas é possível a observação que um motivo foi iniciado, por exemplo, pela cor vermelha, e quando iniciada pela amarela não foi concluída. Outro exemplo, a despreocupação na “limpeza” em torno dos motivos, alguns apresentando borrões e estes não finalizados, será que devido ao “erro” na execução houve a interrupção da pintura? Questionamento que infelizmente não foi possível responder.

Ressalta-se também a importância do uso do programa Adobe Photoshop, para análise dos motivos, uma vez que permitiu o destaque e uma melhor identificação de algumas gravuras que não eram visualizadas tanto *in situ* quanto nas fotografias. A dificuldade no

processamento das reproduções dos motivos rupestres se manteve apenas nas gravuras, por não possuir nenhuma espécie de pigmento, exceto na gravura pintada, neste caso era exigido um trabalho mais apurado na sua evidenciação.

É digno de ser comentado, também a importância do sentimento de pertencimento que o local desperta à comunidade do entorno. O cuidado e a identificação com os motivos rupestres e com os sítios. Fato que nos leva a idealizar a realização de projetos futuros na região, principalmente na área da arqueologia pública.

Também despertou a atenção a visitação numerosa de grupos de estudantes do Curso de Turismo da Escola Agrícola do município. Existe até uma página da Prefeitura Municipal de São Miguel do Tapuio na rede social “Facebook”, divulgando fotos dos sítios Lagoa de Cima e Lagoa de Cima 2. Em algumas imagens, curiosos solicitam informações de como chegar aos sítios. Fato preocupante uma vez que os sítios não foram preparados para receber visitas; falta estrutura como, passarelas, guarda-corpos, sinalização. Além de dois destes sítios não serem nem mesmo cadastrados pelo IPHAN. Portanto, é urgente a necessidade de tomadas de medidas para que não ocorram depredações nos sítios, já que são tão bem cuidados pelos moradores que convivem com eles.

Como mostrado no corpo da dissertação os problemas de conservação estão em número alarmante, havendo também a necessidade da realização de trabalhos de conservação e preservação das pinturas e gravuras. Como por exemplo, implantação de calhas artificiais de contenção (pingadeiras) em alguns pontos de escoamento de água, remoção de galerias de insetos que estão por cima de pinturas, entre outros que poderão ser realizados com um trabalho mais detalhado.

Dentre os objetivos mencionados no projeto de pesquisa o único que não pôde ser atingido, sobretudo devido ao pouco tempo destinado, principalmente porque foi a observação da tafonomia como forma de análise dos pigmentos dos sítios, alguns motivos chamavam atenção devido a sua tonalidade despertar dúvida quanto a definição, se seria a intenção ou estaria daquela forma devido as intempéries. Pela importância dessas observações reafirmamos o nosso interesse em abordá-lo em um trabalho futuro.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, R. B. de.; GOMES, R. de C. (Orgs.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de São Miguel do Tapuio**. Ministério de Minas e Energia. Serviço Geológico do Brasil. Fortaleza: CPRM, 2004.
- ALARCÃO, J. A dimensão antropológica da arqueologia. **Biblos**, v. 59 p.470-479, 1983.
- ARAÚJO, J. L. L. *et al.* Atlas escolar Piauí: geo-histórico e cultural. **Editora Grafset, João Pessoa**, 2008.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. **A arte rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- AZEVEDO NETTO, C. X. de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transparência de significados. **Informação & Sociedade**, v. 12, n. 2, 2002.
- BORGES, S.; COSTA, Z. F. F. Arte rupestre no município de Valença do Piauí, Brasil: O Umwelt ou mundo-próprio das etnias primevas. In: LINS, M.; BORGES, S. (Org.) **Identidades e diversidade cultural: patrimônio arqueológico e antropológico do Piauí-Brasil e do Alto Ribatejo-Portugal**. Teresina: FUNDAC – CEIPHAR/ITM, 2013.
- BRUNET, J.; VIDAL, P.; VOUVÉ, J. **Conservation de l'art rupestre**. Etudes et documents sur le patrimoine culturel, n. 7. Paris: Unesco, 1985.
- COMERLATO, F. **As representações rupestres do litoral de Santa Catarina**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.
- COMERLATO, F. **Estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia**. Monografia da pesquisa de pós-doutorado júnior, Salvador: PPGCS/UFBA; MAE/UFBA, 2007.
- CORREIA, A. C. B. **Engraved world: a contextual analysis of figures and markings on the rocks of South-Eastern Piauí, Brazil**. Tese (Ph.D em Arqueologia) – Newcastle University, UK, 2009.
- COSTA, Z. de F. F. **Análise semiótica de configurações rupestres do parque nacional da Serra da Capivara – Piauí**, 1999.
- HASELBERGER, H. Method of studying ethnological art. **Current Anthropology**, v. 2, n. 4, p. 341-384, 1961.
- HEGMON, M. Archaeological Research on Style. **Annual Review of Anthropology**, v. 21: 517- 536, 1992.

Hill, D. (ed.). **Rethinking History and Myth. Indigenous South American Perspectives on the Past**. Chicago: University of Illinois Press, 1988.

HOLLMANN, J. C. The ‘cutting edge’ of rock art: motifs and other markings on Driekuil Hill, North West Province, South Africa. **Southern African Humanities**, v. 19, p. 123-151, 2007.

HYDER, W. D. Some problems in the use of sign language to interpret rock art. In: 15<sup>th</sup> ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN ROCK ART RESEARCH ASSOCIATION, 1988, Ridgecrest, CA. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://zzyx.ucsc.edu/Comp/Bill/signs.html>. Acesso em: 19 de junho de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **São Miguel do Tapuí – PI**. Site oficial do IBGE, 2013. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/26V6>>. Acessos diversos em 2013.

IPHAN. **Projeto de cadastramento e mapeamento de sítios arqueológicos do Piauí- 1ª Etapa**. Teresina; 1986.

IPHAN. **Projeto de cadastramento e mapeamento de sítios arqueológicos do Piauí- 6ª Etapa**. Teresina; 1999.

LAGE, A. L. M. **Estudo dos grafismos rupestres da Pedra do Letreiro e Toca do Adão, Antônio Almeida, Piauí, Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

LAGE, M. C. S. M, BORGES, J. S., ROCHA JÚNIOR, S. Sítios de registro rupestres: monitoramento e conservação. **Mneme – Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, p. 1-24, 2004/2005.

LAGE, M. C. S. M. “A conservação de sítios de arte rupestre”. **Revista do Patrimônio** n. 33: Patrimônio Arqueológico: O desafio da sua preservação; org. Tânia Andrade Lima; IPHAN, MinC, Rio de Janeiro, 2007.

LAGE, M. C. S. M. Análise química de pigmentos de arte rupestre do sudeste do Piauí. **Revista de Geologia**. v. 9. p. 83-96, 1996.

LAGE, M. C. S. M.; SIQUEIRA, A. C. C.; NEIVA, D. M.; VERAS, N. L. O.; LIMA, N. M. P. A preservação e conservação do sítio Letreiro do Quinto, Pedro II - PI. **FUMDHAMENTOS**, v. IX, p. 1020-1027, 2010.

LAYTON, R. **The anthropology of art**. Cambridge University Press, 1991.

LEITE, M. N. A identidade humana e o universo mítico na pintura rupestre. **Revista Clio**, n. 14, 2000.

LORÊDO, W. M.; **Manual de conservação em arqueologia de campo**, Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural. Departamento de Proteção, 124 p, 1994.

MELO, C. **O Último Berço dos Tacarijus**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 1988.

MOTT, L. R. B. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Projeto Petrônio Portela, Fundação Cultural do Estado do Piauí, Teresina, 1985.

OLIVEIRA, L. D. Arte rupestre no Rio Grande do Sul: semiótica e estereoscopia. **FUMDHAMentos**, Rio de Janeiro, v, 7, p. 469-490, 2008.

PESSIS, A. M. Apresentação gráfica e apresentação social na tradição Nordeste de pinturas rupestres do Brasil. **CLIO, série arqueológica** n. 5, Ed. Universitária, UFPE, Recife, 1989.

PFALTZGRAFF, P. Geodiversidade do estado do Piauí. Programa Geologia do Brasil levantamento da Geodiversidade. **Pfaltzgraff, P.; Torres, F. & Brandão, R. Serviço Geológico do Brasil. CPRM**, Recife. 260p, 2010.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Primeira edição. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PROUS, A. **O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

RIBEIRO, L. “**Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos rupestres**. Um estudo regional das pinturas e gravuras do alto-médio São Francisco”. Tese (Doutorado em Arqueologia). Universidade de São Paulo, 2006.

RIBEIRO, L. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). **Revista de arqueologia**, v. 21, n. 2, 2008.

SANTOS JÚNIOR, V. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. In **FUMDHAMentos**, Recife v. 7 p.516-527, 2008.

SANTOS JÚNIOR, V. **Registros rupestres da área arqueológica de Santana (RN)**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia-Conservação do patrimônio). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SANTOS, P. H. C.; SILVA FILHO, A. F. **Eflorescência: causas e consequências**. Salvador: [s.n.], 2008.

SILVA, I. T. S. **Identificação dos fatores que provocam eflorescência nas construções em Angicos/RN**. Monografia (Graduação em Ciência e Tecnologia). Universidade Federal Rural do Semi-árido, Angicos, Rio Grande do Norte, 2011.

SILVA, J. C. **Arqueologia no médio São Francisco**. Indígenas, vaqueiros e missionários. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, J. P. da. “ARTE RUPESTRE”: conceito e marco teórico. Disponível em: En **Rupestreweb**, <http://www.rupestreweb.info/conceito.html>, 2004. Último acesso em 15 de abril de 2013.

SIQUEIRA, A. C. C. **Gravados na memória:** os sítios de gravuras rupestres no Piauí. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Conservação de Arte Rupestre) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

VALLE, R. B. M. **Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano:** Um estudo técnico e cenográfico. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

## GLOSSÁRIO

**Cupule:** Depressão hemisférica que pode ser produzida em superfície vertical ou horizontal da rocha.

**Eflorescência salina:** Depósitos cristalinos de cor branca que surgem na superfície do revestimento, como piso, paredes e tetos, resultantes da migração e posterior evaporação de soluções aquosas salinizadas (SANTOS; SILVA FILHO, 2008 *apud* SILVA, 2011 p.13).

**Figurativo:** Assemelha-se a formas familiares.

**Gravuras:** Marca ou figura feita na superfície da rocha usando técnicas de picoteamento ou abrasão.

**Marcas Gestuais:** Evidência gráfica de comportamento, padrões convencionais que podem indicar desempenho de rituais. (HOLLMANN, 2007, p. 139 *apud* CORREIA, 2009).

**Não-figurativo:** Tem pouca semelhança com as formas naturais.

**Picoteamento:** É realizado por um instrumento pontiagudo onde uma série de impactos contínuos produzem as gravuras (SANTOS JÚNIOR, 2008).

**Policromia:** [Poli] várias, [cromia] cores, para fazer referência a diversidade de cores identificada nos sítios.

**Propulsor:** Instrumento de caça indígena; arma de arremesso baseada no princípio de braço artificial.

**Raspagem:** Execução de um contato superficial entre dois corpos, seguindo uma única direção ou em duas direções, estas em sentidos contrários (esquerda e direita, ou cima e baixo), deixando visíveis irregularidades nas bordas e no interior da gravura (VALLE, 2003).

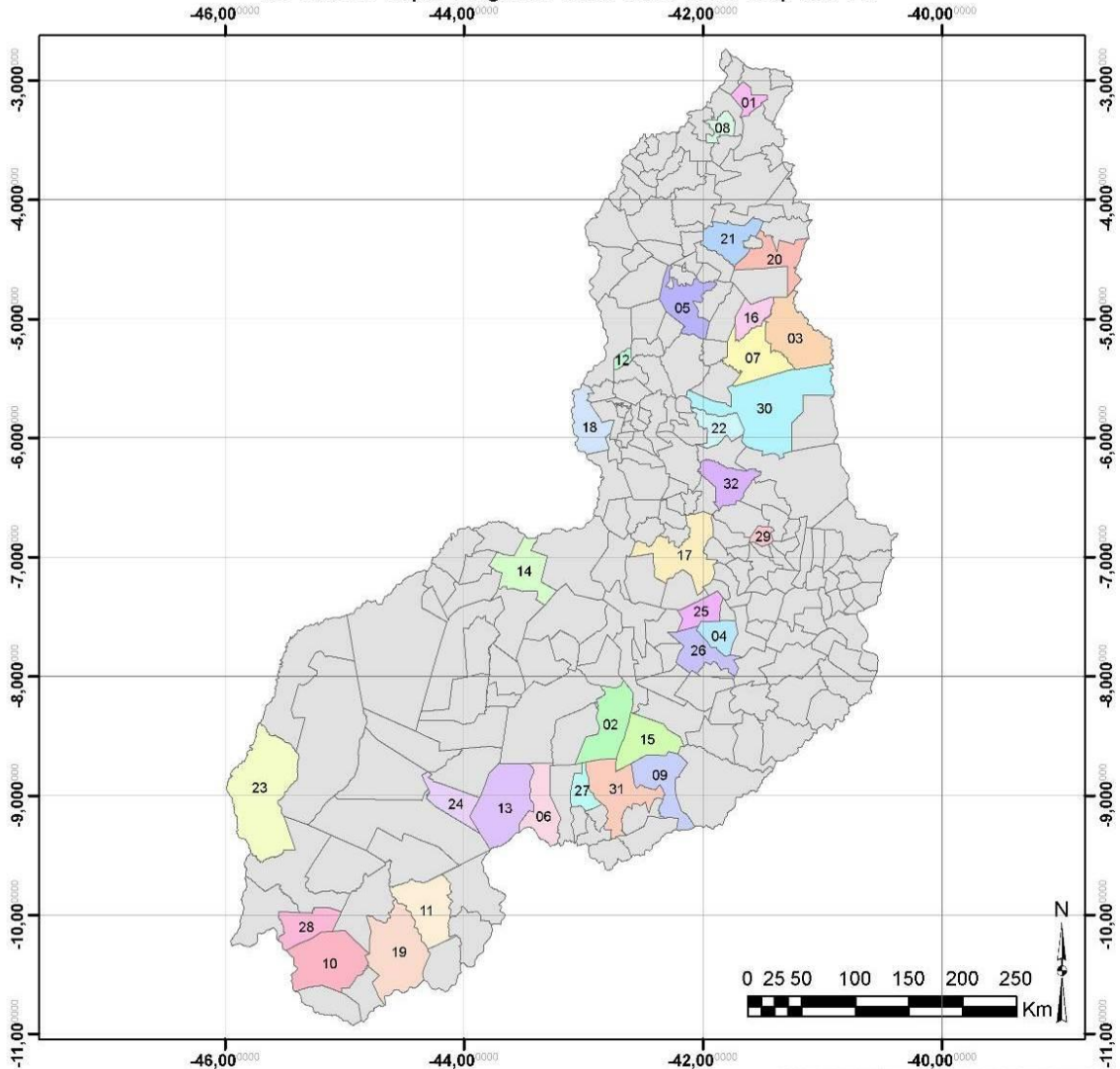
**Serpentiforme:** Motivo em forma de serpente.

**Sulco:** Ranhuras alongadas distintamente que parecem ter sido desgastadas. (CORREIA, 2009, p. 135).

**Zoomorfo:** [Zoo] animal [morfo] morfologia; forma, denominação para identificar representações de animais.

# APÊNDICE

Municípios do Estado do Piauí com Etapas de Levantamento de Sítios Arqueológicos com Gravuras Rupestres.



Sistema de coordenadas: GCS South American 1969  
 Mapa do estado do Piauí adaptado de IBGE 2007  
 Elaboração: Adolfo OKuyama  
 Laboratório de Geoprocessamento  
 FUMDHAM 2011

## Legenda

### Município (Etapas de levantamento)

01 Bom Princípio do Piauí (S/E*)	12 Demerval Lobão (3ª Etapa)	23 Santa Filomena (10ª Etapa)
02 Brejo do Piauí (10ª Etapa)	13 Guaribas (4ª Etapa)	24 Santa Luz (5ª Etapa)
03 Buriti dos Montes (6ª e 9ª Etapa)	14 Jerumenha (5ª Etapa)	25 Santo Inácio do Piauí (2ª Etapa)
04 Campinas do Piauí (2ª Etapa)	15 João Costa (S/E)	26 Simplicio Mendes (2ª Etapa)
05 Campo Maior (3ª Etapa)	16 Juazeiro do Piauí (6ª Etapa e S/E)	27 São Braz do Piauí (10ª Etapa)
06 Caracol (4ª Etapa)	17 Oeiras (S/E)	28 São Gonçalo do Gurguéia (5ª Etapa)
07 Castelo do Piauí (6ª Etapa)	18 Palmeirais (S/E)	29 São José do Piauí (1ª Etapa)
08 Caxingó (4ª Etapa)	19 Parnaguá (5ª Etapa)	30 São Miguel do Tapuio (1ª, 3ª, 6ª e 10ª Etapa)
09 Coronel José Dias (S/E)	20 Pedro II (3ª Etapa)	31 São Raimundo Nonato (S/E)
10 Corrente (5ª Etapa)	21 Piriapiri (3ª Etapa)	32 Valença do Piauí (1ª e 4ª Etapa)
11 Curimatá (8ª Etapa e S/E)	22 Santa Cruz dos Milagres (4ª Etapa)	

\* Sem etapa definida

# ANEXO

## Ficha Técnica de Conservação de Sítio de Arte Rupestre

Nome do Sítio	Município
Latitude:	Longitude:
Orientação:	Abertura:
Dimensão do sítio:	Nº de painéis:
Altura dos painéis:	Dimensão dos painéis:

**Tipo:**       Abrigo       Gruta       Blocos Isolados       Paredão  
**Tipo de Rocha:**       Arenito       Calcário       Granito       \_\_\_\_\_  
**Grão da Rocha:**       Grosso       Médio       Fino  
**Tipo de Arte:**       Pintura       Gravura

Cores	Código	Localização			Estado de conservação - Alteração -		
		Rocha	Escama	Seixo	Fraca	Média	Forte
<input type="checkbox"/> Vermelho Escuro	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Vermelho Médio	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Vermelho Claro	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Amarelo	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Cinza	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Branco	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Preto	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Tipos de Alteração**       Rocha       Pigmento

Origem	Resistência			Origem	Resistência		
	Fraca	Média	Forte		Fraca	Média	Forte
<input type="checkbox"/> Insetos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Dejetos animais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Salitre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Fumaça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Poeira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Microorganismos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Raízes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Outros (1)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Chuva	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/> Outros (2)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Animais que vivem nos arredores do sítio**

--

**Plantas presentes nos arredores do sítio**

**Horas de Insolação**

--

Nome popular	Porte			Observação
	Pequena	Média	Grande	
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

**Intervenção recomendada**

--

**Material necessário**

--

Responsável

Data

--	--